



**COLECÇÕES ETNOGRÁFICAS
DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA
COLÔMBIA BRITÂNICA, HAVAI E PERU**

MIGUEL TELLES ANTUNES

MANUELA CANTINHO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
LISBOA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

COLECÇÕES ETNOGRÁFICAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA -
COLÔMBIA BRITÂNICA, HAVAI E PERU

AUTOR

MIGUEL TELLES ANTUNES
MANUELA CANTINHO

EDITOR

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CONCEPÇÃO GRÁFICA

JOÃO MÉNDEZ FERNANDES
SUSANA MARQUES

ISBN

978-972-623-128-8

ORGANIZAÇÃO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

R. Academia das Ciências, 19

1249-122 LISBOA

Telefone: 213219730

Correio Eletrónico: geral@acad-ciencias.pt

Internet: www.acad-ciencias.pt

Comunicação apresentada no Instituto de Estudos Académicos Para Seniores – Adriano Moreira

Copyright © Academia das Ciências de Lisboa (ACL), 2013.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor

COLECCÇÕES ETNOGRÁFICAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA - COLÔMBIA BRITÂNICA, HAVAI E PERU

(COMUNICAÇÕES à CLASSE DE CIÊNCIAS em
16 de NOVEMBRO de 2006 e 21 de FEVEREIRO de 2008)

Por

Miguel Telles Antunes (1, 2, 3) & Manuela Cantinho (4, 5)

1. Academia das Ciências de Lisboa. R. da Academia das Ciências, 19. 1249-122 Lisboa. migueltellesantunes@gmail.com
2. European Academy of Sciences, Arts and Humanities, Paris.
3. Centro de Investigação em Ciência e em Engenharia Geológica da Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Quinta da Torre, 2829-516 Caparica.
4. Museu Etnográfico da Sociedade de Geografia de Lisboa, R. das Portas de S. Antão, 100, 1050-269 Lisboa. mcantinhop@hotmail.com

Resumo

Palavras-chave: Academia das Ciências de Lisboa - Etnografia – Séculos XVIII e XIX – América do Norte – Havai – Peru.

Objectos etnográficos da região costeira do Pacífico, Havai e Peru pertencentes ao Museu da Academia das Ciências de Lisboa, recolhidos nos séculos XVIII e XIX, são muito importantes em contexto internacional. Pela primeira vez, são apresentadas as respectivas descrições e caracterização na sequência de estudo etnológico, complementado por estudo pormenorizado dos produtos naturais em causa. Este procedimento revelou-se da maior utilidade, constituindo verdadeiro “cartão de identidade” quanto à origem. São referidas peças perdidas que fizeram parte do acervo.

O conjunto integra objectos da costa Noroeste da América do Norte (Colômbia Britânica), Havai e Peru.

Analisando a informação disponível, consideramos muito provável que os núcleos da Colômbia Britânica e do Havai provenham da terceira viagem de James Cook (1776-1780). Analisámos hipóteses menos verosímeis de obtenção através de Macau ou da Rússia. Dentre o material da Colômbia Britânica, foram reconhecidos uma árvore (“red cedar”), mamíferos com destaque para a lontra-marinha e o “racoon”, e gastrópodes (Quadro 9).

Quanto ao núcleo do Peru, a recolha deve-se ao Conde de São Januário (1829-1902). A maioria das peças, de barro preto, é característica da Cultura Chimú, dos Andes (horizonte intermédio tardio, ca. 1000 a 1476 AD), também representada por uma peça de barro castanho-avermelhado. Duas, de barro castanho-avermelhado, são da Cultura Lambayeque (horizonte médio, ca. 600 a 1000 AD). Todas são de natureza zoomórfica ou fitomórfica. É possível reconhecer um macaco platirríneo que parece o “barrigudo” (*Lagothrix*), um camelídeo domesticado (lama ou alpaca), a “ariranha” ou lontra-gigante, um pássaro indeterminado, e um pequeno caimão, possivelmente o “jacaré-coroa” (*Palaeosuchus palpebrosus*). Os camelídeos correspondem aos altiplanos andinos, enquanto os demais são habitantes da floresta da bacia amazónica. As plantas representadas são cabaças e frutos (vagens) de *Inga*.

Abstract

Key words: Academy of Sciences of Lisbon - Ethnology – XVIII and XIX centuries – Western North America – Hawaii - Peru.

The Museum of the Lisbon Academy of Sciences owns sets of 18th and 19th century Amerindian objects from the Pacific coastal area. Their description and characterization are presented here for the first time. Attention has been paid to specimens that once belonged to the same collection but have been lost.

The ethnological study has been coupled with a detailed attention paid to the concerned natural products and their origin.

The ethnological study went on along with a complementary, detailed study on the concerned natural products. In several cases, it provided data that constitute a sort of “identity card” as far as the geographic origin of the objects is concerned. The collection comprises objects from the North American, the Pacific coastal area (British Columbia), Hawaii and Peru.

Taking into account all the available data, the most probable origin of the British Columbia and Hawaii specimens is the third (1776-1780) expedition of James Cook. They seem to have been granted to a Portuguese institution, maybe the Academy of Sciences or the Ajuda Royal Museum, through one of its more prominent founding members, José Correa da Serra, with support of his close friend Sir Joseph Banks, who supervised the distribution of the ethnologic material from the Cook’s expeditions. This is entirely compatible with the Portuguese historical context of the last XVIII century decades. Nevertheless we also discussed the less credible possibilities of acquisition through Macau or Russia.

The set comprises: - a wooden facial mask with negro and red paintings and human hair, probably masculine; - a wooden mortuary facial mask, 14C AMS-dated from between 1725 and 1815, most probably from ca. 1770; - a wooden cask-mask sheathed with apparently elephant-seal, very thick leather and *Lithopoma gibberosa*, the “Red western star shell” or “Red Turban” “teeth” that depicts a bear head; - a maybe elephant-seal leather mask with a broad peak protecting the face and neck of a warrior; - a wooden box whose cover is ornamented with mammalian teeth, mostly from sea-otter; - two ornamented wooden bowls; - a wooden statuette depicting a whale. Wood is most probably from the western red cedar, *Thuja plicata*.

14C age from the 1770 decade is in agreement with the third expedition led by Cook.

The mammalian species from the wooden box and especially the Raccoon exclude latitudes beyond the limits of their distribution, which does not exceed northwards the southern part of the British Columbia. This suggests a primary origin from the Nootka Culture near the Vancouver Island, a culture that had contacts with Cook.

The Peruvian collection has been offered to the Academy by the Count of São Januário (1829-1902). Most of the extant specimens (some others have been lost) are made from black clay. They are characteristic of the Chimú Culture from the central Andes, late intermediate horizon, ca. 1000 to 1476 AD. Chimú Culture is also represented by a brown-reddish clay specimen; two further ones from brown-reddish clay have been produced by the Lambayeque Culture in the Peru’s northern coast, middle horizon, ca. 600 to 1000 AD. All are zoomorphic or phytomorphic. Plants are bottle-gourds and *Inga* fruits. Among animals it is recognizable a plathyrhine monkey that is likely the “barrigudo” (*Lagothrix*), a domesticated camelid (llama or alpaca), the “ariranha” or giant otter, an indeterminate bird and a small caiman, maybe the “jacaré-coroa” (*Palaeosuchus palpebrosus*). The concerned Camelids colonize the Andean plateaux; all others are inhabitants of the Amazonian basin forests.

Introdução

Espólio etnográfico integra o Museu Maynense da Academia das Ciências de Lisboa, apesar de vicissitudes relacionadas com transferência de colecções do Real Gabinete da Ajuda para o Museu da Real Academia das Ciências de Lisboa (1836) e deste para o Museu de História Natural da Escola Politécnica de Lisboa (1858 e 1877). Veio sobrepor-se às colecções instituídas pelo Padre José Mayne (1723-1792) no Convento da Ordem Terceira, décadas antes da outorga do edifício à Academia por D. Maria II. Da sua primacial importância são indícios as solicitações para exposições de mais alta qualidade, estudos e publicações, com destaque para o acervo brasileiro do séc. XVIII.

Ao período durante o qual se realizaram as viagens de James Cook (1764-1779) correspondeu, em Portugal, o surgimento de museus de História Natural, preparação e treino para as “viagens filosóficas”, à organização de expedições e mesmo de diligências diplomáticas, a vinda de naturalistas estrangeiros para leccionar, e o envio de exemplares para o Museu da Ajuda e, complementarmente, para os da Universidade de Coimbra e da Academia de Ciências de Lisboa.

A aquisição de colecções museológicas em Portugal, apoiada na Administração colonial, sofreu duros golpes com as invasões francesas e a partida da Coroa portuguesa

para o Brasil em 1808 (Antunes, 2002, 2003, 2007; Antunes & Balbino, 2003; Antunes & Taquet, 2002; Cantinho, 2005).

Não admira que tenha despertado a atenção de Rómulo de Carvalho (1906-1997), Académico, cultor da História da Ciência, em particular do século XVIII, e Director do Museu da Academia entre 11.05.1989 e o falecimento em 9.02.1997. Embora mais sensível quanto ao espólio próximo da sua formação como físico, conforme escreveu, produziu, além do *Catálogo dos Instrumentos de Física* (Carvalho, 1993), outro catálogo pronto para publicação dedicado ao material etnográfico do Brasil recolhido entre 1783 e 1792 na célebre expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira (1755-1815) (Carvalho, 2000).

Esse material surgira enquadrado na política de aquisições prosseguida em Portugal por uma elite de intelectuais interessados pela História Natural. Daí resultou a constituição de museus de História Natural como os da Ajuda, Academia Real das Ciências, Universidade de Coimbra, Ordem 3^a (criado por Frei José Mayne) e do Marquês de Angeja (Carvalho, 1987).

A realidade é muito mais rica do que podia supor-se.

Ao procurarmos (M.T.A.) tomar conhecimento da existência do Museu no início do nosso mandato como Director (2000-), dentre aquele material brasileiro destacavam-se peças que não parecia terem a mesma origem da colecção de Rodrigues Ferreira. Não admira: o conhecimento de colecções extra-europeias em Portugal abarcava, no essencial, peças dos séculos XVIII, XIX e XX oriundas de espaços de colonização portuguesa.

Se, por um lado, foi fácil reconhecer estes objectos como produzidos por culturas não sujeitas à influência portuguesa, constituíram, por outro, especial desafio.

Várias interrogações careciam de resposta:

- quais as suas proveniências, características e idade?
- porque terão ficado no anonimato cerca de dois séculos?
- quais as circunstâncias e os contextos de recolha?
- como chegaram a Portugal?
- em que circunstâncias foram incorporadas no Museu da Academia das Ciências de Lisboa?

Do ponto de vista metodológico optámos por completar o estudo etnológico com trabalho de identificação dos produtos naturais utilizados. Este procedimento revelou-se da maior utilidade, constituindo, em vários casos, verdadeiro “cartão de identidade” quanto à origem.

O material etnográfico da Academia das Ciências inclui colecções desde o Oriente à África e América. Por ora, parece de aproveitar o ensejo para tratar, sucessivamente, do material da Colômbia Britânica e do Havai, bem como abordar o núcleo das peças do Peru oferecidas pelo Conde de S. Januário.

As notícias sobre objectos ameríndios em colecções portuguesas são escassas.

Parte I. COLECÇÃO DA COLÔMBIA BRITÂNICA

1. Dados históricos

Este precioso núcleo da ACL havia sido confundido com material brasileiro (v. Carvalho, 2000) ou africano. Destacam-se máscaras de madeira.

Numa primeira aproximação, solicitámos (M.T.A) do Prof. João Pais o exame xilológico de fibras de uma das máscaras. Revelou uma conífera, mas não *Podocarpus*, o que excluía origem africana sem apontar para proveniência euro-asiática. A hipótese americana era verosímil.

Outra aproximação resultou da visita à Academia das Ciências (Março de 2002) de Alain Nicolas, Director do *Musée d'Arts Africains, Océaniens, Amérindiens* de Marselha, o qual possui uma máscara semelhante da costa oeste do Canadá (Giraudy, 2002: 22, fig.18).

Novos desenvolvimentos resultaram da colaboração de M. Manuela Cantinho Pereira. Parecia certa a proveniência da região costeira do Pacífico da América do Norte.

Por outro lado, não conhecemos qualquer alusão em documentos da Academia das Ciências de Lisboa, nomeadamente na “*Descrição e avaliação dos artefactos pertencentes ao Museu Maynense*”, elaborada pelos avaliadores Casimiro Candido da Cunha e Francisco Antonio do Valle, com data de 14 de Julho de 1864 e na “*Relação das únicas peças do Museu Maynense a que os Professores da Academia das Bellas-Artes de Lisboa reconheceram merecimento artístico*”, assinada na mesma data pelo “Secretario da Comissão AdaSilva Pereira” [sic]. Não obstante, como se mostrará, a sua origem remonta a finais do séc. XVIII.

A primeira referência conhecida acerca de colecções da América do Norte e da Oceânia em Portugal deve-se a Émile Cartailhac, participante no *Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas* realizado em 1880 na Real Academia das Sciencias de Lisboa sob o patrocínio de D. Luís I e de D. Fernando II (v. Aragão (1892: 5-6; [nossos **negritos**]):

«...l'Académie royale possède dans ses greniers [p.6] des objets que l'on chercherait vainement en dehors des Musées spéciaux de Leyde, de Copenhague et de Londres ; des trésors ethnographiques que Paris, Berlin, Rome lui enverraient et payeraient bien cher ! et ces haches en pierre emmanchées de l'Afrique du Sud, **de l'Océanie**, de l'Amérique, **ces masques de l'Amérique du Nord**, ces mannequins du Brésil, ces souvenirs de toutes les colonies du Portugal gisent pêle-mêle dans la poussière ! Est-il vrai que ces précieuses reliques aient été utilisées pour l'ornementation de divers chars qui ont figuré dans les fêtes en l'honneur de Camoëns ! ... Que si l'on objecte que tous ces objets ont perdu leurs étiquettes, nous répondrons qu'il sera très-facile de retrouver les provenances, en consultant les ouvrages des voyageurs, les albums, les ethnologistes.»

Que actualidade, dados o abandono e perdas que têm afectado o Museu! Atente-se no depoimento de José Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1923: 244-245) a propósito do “medalheiro” do Padre Mayne, entregue à Academia em 1834 [*nota nossa*]:

“De 1870 (data do falecimento de L. Fernandes [*antigo Director*]) a 1874 esteve interdito o Museu... Em 1874 descobriu-se nele grande roubo... De moedas de ouro, ... não encontrei por ora senão três ... ao passo que na sinopse de Aragão se menciona uma totalidade de 125 moedas d'aquela metal”.

Até Rómulo de Carvalho, a incúria perdurou. Muitos não tinham consciência do seu valor, nem da necessidade de assegurar a conservação ou a divulgação. Sabe-se que foram emprestados objectos à Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar para a Exposição Internacional de Paris de 1867 (Aragão, id.: 5). Outras referências sugerem envio deste material para a Exposição Internacional de Viena, em 1873.

Como Cartailhac havia destacado, peças em depósito no Museu Colonial de Lisboa (1871-1892) foram utilizadas em 1880 para decorar o “Carro Colonial” que desfilou nas Comemorações do 3º Centenário da morte de Luís de Camões, em Lisboa, o que confirmámos através de uma imagem da Fototeca da Sociedade de Geografia de Lisboa. Nele figuraram duas máscaras norte-americanas, objecto do nosso estudo, da colecção da ACL cedida temporariamente àquela Secretaria de Estado - (fig. 1). Tal ilustra desconhecimento; a chamada de atenção de Cartailhac não terá tido consequências na identificação de acervos.

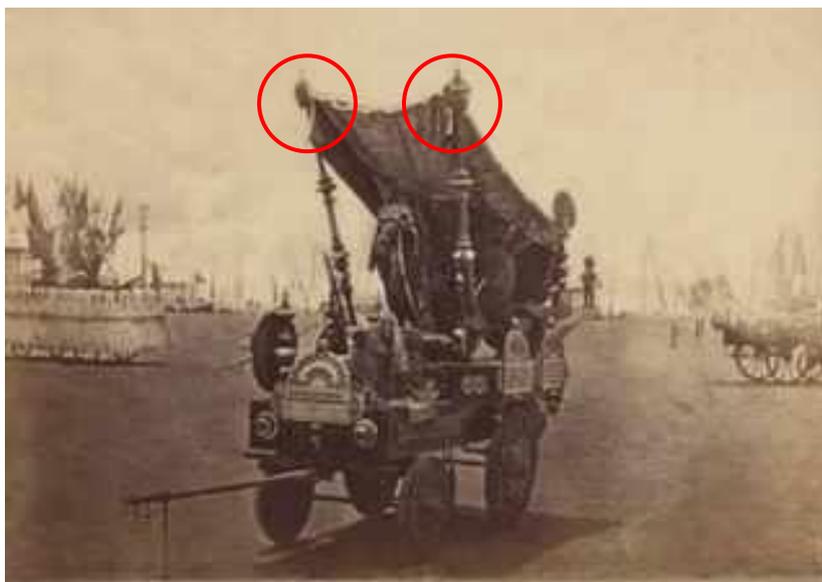


Fig. 1 – Carro Colonial (Fototeca da SGL) – as máscaras Nootka figuram uma de cada lado, em cima de cada um dos postes trabalhados que sustentam anteriormente a cobertura de pano.

A existência na ACL de materiais ameríndios não brasileiros é reconhecível em descrições de Aragão (idem: 26; v. fig. 2 a 5) e na gravura reproduzida no seu catálogo (idem: [2]):

«302. Mascara em madeira muito grossa, que representa uma cabeça de urso (?), forrada exteriormente de coiro, com olhos, orelhas, e bocca guarnecida de dentes. Tem alguns labores. [fig. 5]
 Diametro na base 0m,28.

303. Mascara de madeira, com olhos, narinas e bocca perforados, guarnecida na orla da testa com uma fiada de cabellos. O rosto é pintado de encarnado e laivos pretos. [fig. 2]
 Altura 0m,30.

304. Mascara de madeira, com a bocca e as narinas abertas, mas sem comunicarem para o outro lado, e os olhos fechados. [fig. 3]

...
 306. Mascara de madeira, inteiriça, com a fôrma de uma gorja, os olhos e testa ficam livres, no centro um nariz com os furos para facilitar a respiração, por baixo prolonga-se para deante uma faixa da mesma madeira, com 0m,09 de largo e 0m,71 de diametro.» [fig. 4]

O contributo de Aragão (idem) está relacionado com o envio para Madrid, em 1892, de peças para a Exposição comemorativa do 4º centenário da descoberta da América, de onde nem todas regressaram (Carvalho, 2000: 41).

A devolução à Academia, por parte da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar, foi efectuada anos depois.

Mais uma vez ficou diluída a identificação dos objectos da América do Norte e da Oceânia. No Catálogo (Aragão, ibidem), a proveniência destes não é especificada; em contraste, são identificados objectos do Brasil. Parecia persistir a convicção errónea de fazerem parte de um núcleo brasileiro.

A colecção etnográfica da Academia compreende conjuntos de origem americana, do Brasil e de outras áreas. O estudo do conjunto não fica esgotado aqui. Por ora, anunciamos pela primeira vez a presença de excelentes peças antigas do Havai. Estão relacionadas com as da América do Norte, cujas primeiras notícias por nós identificadas remontam a 1806: ver “Relação dos produtos naturais e industriaes...”, in *Memória da Amazônia...*, p. 38-63. Umás e outras confundidas com o espólio do Brasil e de África.

Quem adquiriu o material e o enviou para Portugal nos finais do séc. XVIII teve perspectivas de grande actualidade científica ao concretizar interesse que transcendia o espaço português.

2. Inventariação

As peças norte-americanas de áreas costeiras do Pacífico constam do Quadro 1.

Sujeitas que foram a inventariações sem dispormos de listas adequadas, parece preferível dar os números do Catálogo (Carvalho, 2000) e o nº a verde do novo inventário por Matilde Sousa Franco.

Quando visíveis, indicamos números possivelmente originais, escritos directamente sobre as peças; números menos antigos em etiquetas, alguns de Teixeira de Aragão (Aragão, 1892), podendo haver mais do que uma etiqueta por exemplar; números que constam das etiquetas de Rómulo de Carvalho [R.C.]; enfim, a numeração verde.

Quadro 1
Inventário

N.º Objecto	Designação	Nº antigo	Etiquetas antigas e n.º de Aragão (<i>italico</i>)	Etiqueta R. C.	Nº verde
I	Máscara facial	5		241 (falta)	676
II	Máscara facial	4	<i>304</i>	242 (falta)	677
III	Máscara-viseira	-	<i>306?</i> , em etiqueta antiga; outra etiqueta, 329	301? (falta)	874
IV	Máscara-elmo	3	<i>302</i>	302 (falta)	675
V	Caixa	-	-	-	-
VI	Tigela	-	-	278/1	796
VII	Tigela	-	-	278/2	-
VIII	Maço	-	<i>230</i>	276	785
IX	Anzol <i>cheemaine</i>	-	-	-	718
X	Anzol <i>cheemaine</i>	-	-	-	720
XI	Anzol <i>cheemaine</i>	-	-	-	719
XII	Arpão	-	-	-	736
XIII	Machado	-	-	-	110

3. Datação

Por carência de registos, teríamos de basear-nos em terem sido expostas em 1867, 1873, 1880 e 1892.

Convergia no mesmo sentido a verificação por M. T. Antunes de que os dentes da caixa eram maioritariamente de lontra marinha. A espécie era abundantemente caçada quando a caixa foi fabricada e utilizada. Uma pele chegava a valer 1125 dólares! A lontra-marinha quase foi exterminada. Restavam 1000 a 2000 indivíduos em toda a enorme área de repartição, o que justificou protecção rigorosa implementada pelos Estados Unidos, especialmente ao promover em 1911 o *International Fur Seal Treaty*

com a Grã-Bretanha, Rússia e Japão. Consequência óbvia é a de que se terão deixado de poder utilizar dentes de lontra marinha, pelo que as peças em causa não podem ser recentes.

Outra abordagem consistiu na datação ¹⁴C pela técnica AMS (Accelerator Mass Spectrometry), vantajosa por requerer amostras de madeira muito reduzidas: 100 a 10 mg. Dados os custos, só uma foi analisada; os resultados serão da mesma ordem de grandeza dos das peças que lhe estão associadas.

Como as madeiras com que foram confeccionadas as peças mostram dezenas de anéis anuais, resultados de análises podem diferir porque partes do mesmo tronco não têm a mesma idade. Não obstante, qualquer aproximação é interessante, apesar de possíveis situações desfavoráveis:

- alteração superficial;
- modernidade da amostra, a bem dizer no limite superior das possibilidades do ¹⁴C.

Assim, foi escolhida uma área recôndita da face posterior, na parte mais moderna da madeira da máscara. Foi realizada por J. Pais uma pequena perfuração, com recolha de amostra, analisada pela Beta Analytic Inc. (Miami, Florida). Retenhamos comentários e resultados de Darden Hood, Director:

«[The] sample ... provided plenty of carbon for an accurate measurement and the analysis went normally. ... Calibration is calculated using the newest (1998) calibration database. Multiple probability ranges may appear in some cases, due to short-term variations in the atmospheric ¹⁴C contents at certain time periods. ...».

Os resultados são como segue (Quadros 2 e 3).

Quadro 2

Calibration of Radiocarbon age to Calendar years (Variables: C13/ C12= -21.4; lab. mult= 1)

Laboratory number:	Beta-181638
Conventional radiocarbon age:	200 ± 40 BP
2 Sigma calibrated results: (95% probability)	Cal AD 1645 to 1695 (Cal BP 305 to 255) and CAL AD 1725 to 1815 (Cal BP 225 to 135) and CAL AD 1920 to 1950 (Cal BP 30 to 0)

Quadro 3

Intercept data

Intercept of radiocarbon age with calibration curve:	Cal AD 1665 (Cal BP 285)
1 Sigma calibrated results: (68% probability)	Cal AD 1665 to 1680 (Cal BP 295 to 270) and CAL AD 1745 to 1805 (Cal BP 205 to 145) and Cal AD 1935 to 1945 (Cal BP 15 to 5)

Há dependência do comportamento atmosférico do Carbono.

Considerando os resultados mais fiáveis, verifica-se que a probabilidade com 2 Sigma (95%) se aplica àqueles três intervalos. Recorrendo ao Programa correspondente, António Monge Soares verificou que as probabilidades não são idênticas para os três intervalos acima indicados:

- Para o mais recuado no tempo, 26.7 %;
- Para o intermédio, 53.7 %;
- Para o mais tardio, ca. de 15 %.

O somatório das percentagens referentes aos dois primeiros intervalos é de $\Sigma =$ ca. 80.4 %. Daqui resulta ser largamente maioritária a probabilidade de a data real cair naqueles intervalos de tempo.

É fácil eliminar a hipótese mais tardia, pois as peças são anteriores a 1880. A percentagem de probabilidades, muito baixa, indicaria o mesmo.

Razões históricas, como as guerras que afectaram Portugal e a limitada atenção à criação de Gabinetes oficiais dedicados à História Natural antes de D. João V tornam inverosímil a hipótese mais antiga, do século XVII.

Assim, tudo se conjuga para concluir que a idade se situe entre 1725 e 1815, o que está de acordo com as hipóteses históricas por nós identificadas. Probabilidade máxima, a década de 1770.

4. Matérias vegetais, animais e minerais

Madeira

A madeira utilizada parece idêntica em todas as peças, com a possível excepção do maço (VIII). Madeira avermelhada, com anéis escuros e claros, a observação microscópica evidencia tracóides areolados, o que mostra tratar-se de conífera.

Aspecto, cor, baixa densidade e contexto indicam o cerne de uma espécie das mais comuns, *Thuja plicata*, o ‘western red cedar’, que ocorre do Norte da Califórnia à área habitada pelos índios *Nuu-chah-nulth* na ilha de Vancouver e proximidades, e até a ilha de Baranoff (povos *Sitka*) no SE do Alasca. Ultrapassa 60 m de altura, comumente cerca de 20. É lento o crescimento lento e elevado o valor económico. Aproveitavam a casca para vestuário e raízes em cestaria.

A madeira é pouco densa, fácil de trabalhar, muito resistente e estável do ponto de vista higroscópico, sem evidenciar grandes variações dimensionais. Tem características bactericidas, o que justifica a boa conservação. A cor do cerne antigo é vermelho-acastanhado, descorando para cinzento de prata se exposto a intempéries.

O tempo de formação dos pedaços de madeira utilizados varia de mais de um a três séculos.

Além do cedro vermelho, utilizavam madeiras mais duras, as de teixo, de *Acer* e bétula.

Dentes de mamíferos

A superfície superior da caixa apresenta 41 dentes de mamíferos em alvéolos escavados, além de outro alvéolo desabitado; total, 42.

A metodologia assentou em trabalho de Anatomia Comparada. Tornou-se necessária a confecção (por Cristiana Pereira) de moldes susceptíveis de serem transportados sem risco até Instituição dotada de material de comparação adequado.

Os moldes foram numerados a partir de uma das extremidades da caixa, de cima para baixo e da direita para a esquerda, e comparados (Julho de 2003) com colecções do Muséum national d’Histoire naturelle de Paris – Laboratoire d’Anatomie Comparée e Laboratoire de Mammifères et Oiseaux.

Um dos dentes é de Cervídeo. Os mais são de carnívoros. A sua identificação e o conhecimento biogeográfico correspondente constituem fonte de informação quanto à proveniência. Se do Brasil, os dentes seriam de mamíferos aí representados, o que não se confirma.

É limitado o número de tipos dentários representados:

- Pré-molar de Cervídeo (N= 1).
 - Pré-molares e molar de aspecto bunodonte, a maioria. Têm estrutura diferente da dos suídeos e taiassuídeos. Pertencem a um carnívoro fissípede (N= 22).
 - C. Molares superiores de outro fissípede (N= 9).
 - D. Molares inferiores de perfil triangular, tubérculos baixos, aparentemente relacionados com funções triturantes, também de fissípede (N= 7).
- Além destes, há um exemplar mutilado, não determinado.
Abordaremos os tipos dentários referidos.

Pré-molar de Cervídeo (N = 1):

Ordem ARTIODACTYLA

Família CERVIDAE

Género *Odocoileus*

***Odocoileus* cf. *virginianus* (Zimmermann, 1780)**

(Veado de cauda branca/ white-tailed deer)

Trata-se de P3 superior esquerdo com indícios de abrasão pelo uso (molde nº 22).

A estrutura é banal dentro dos Cervidae, sem particularidades a notar excepto as dimensões. De tamanho muito modesto, exclui as espécies norte-americanas de maior porte: o alce (“moose”), *Alces alces*; o veado *Cervus elaphus*, aqui maior que na Europa (“wapiti”); e *Rangifer tarandus*, a rena (“caribou”).

Por exclusão, chegamos a duas hipóteses compatíveis. Ambas dizem respeito a *Odocoileus*, género com ampla repartição na América do Norte, representado por *O. virginianus* (mais abundante, “white-tailed deer”) e, a Oeste, por *O. hemionus* (“mule deer”).

Comparámos o dente com o homólogo de *O. virginianus* 1884-2, do Laboratoire d’Anatomie Comparée do Muséum de Paris; a correspondência é perfeita.

Porém, tendo em conta o carácter limitado da evidência disponível, seria arriscado atribuir o dente a uma daquelas espécies, pelo que se justifica a classificação: *Odocoileus* que confere com *O. virginianus*.

São intensamente caçados pelos troféus, carne e pele, apreciada para vestuário.

Pré-molares e molar com aspecto bunodonte (N = 22):

Ordem CARNIVORA

Família MUSTELIDAE

Género *Enhydra*

***Enhydra lutris* (Linnaeus, 1758)**

(Lontra marinha/ “Sea otter”)

O lote mais numeroso é de carnívoro de porte médio com adaptação a regime alimentar muito especial, traduzido pela robustez dos dentes, quase bunodontes, capazes de triturar matérias rijas. Parecia pertencer à única espécie adaptada a regime baseado em moluscos e equinídeos. Recorremos, para comparação, a cabeças ósseas (“Enhydre M. Pinart” nºs 1962/1647 e 1962/2678) do Laboratoire de Zoologie, Mammifères et

Oiseaux, do Muséum national d'Histoire naturelle de Paris, onde examinámos outros espécimes na Galerie d'Anatomie Comparée.

Foi possível reconhecer, atribuindo números aos moldes de dentes da caixa:

Dentição maxilar

- P3 – 1 exemplar, esquerdo (molde nº 15). Visível em parte. É a única peça dentária superior.

Dentição mandibular

- P3 – 3 dentes esquerdos (n^{os} 19, 36 e 38) e 4 direitos (n^{os} 17, 24, 26 e 35). Os melhores (19, 35) são típicos.

- P4 – 8 dentes esquerdos (n^{os} 3, 6, 7, 18, 34, 37, 40 e 41) e 5 direitos (n^{os} 2, 4, 16, 25 e 30). 25 e 37 bastante gastos; 2, 3, 4, 7 (pouco usado), 30 e 41 são muito típicos. O buraco desabitado seria o nº 42; corresponde pela forma e dimensões a um P4 esquerdo, tão bem que assim o contaremos. Portanto, o total de P4 esquerdos é de 10.

- M2 – 1 exemplar, direito (nº 5).

Como 25 e 37 não são compatíveis pelas dimensões, o número mínimo de indivíduos NMI é de, pelo menos, $9 + 1 = 10$.

O total de dentes de lontra marinha é de 22, a que há que adicionar outro perdido mas reconhecível, portanto 23; em 42, representam 54.8 % da totalidade.

A pertença a lontra marinha não oferece dúvida. Por descargo de consciência, estabelecemos comparações com a outra lontra grande, a ariranha ou lontra gigante *Pteronura brasiliensis*, mas é demasiado diferente, sem dentição “bunodonte” como a de *Enhydra*.

Exame de outros lutríneos americanos revelou-se negativo porque as dimensões dentárias são muito menores.

Molares superiores de outro carnívoro (N = 9):

Fam. PROCYONIDAE

Gén. *Procyon*

Procyon lotor (Lin., 1758)

(“Rato-lavador”/ “Raccoon”)

Outro lote compõe-se de molares superiores de carnívoro. Comparação com diversos permite excluir os Felidae, os Canidae e os Mustelidae das subfamílias Mustelinae (*Taxidea americana*, o texugo norte-americano, 1895-417; *Mephitis mephitis* ou *mesomelas*, 1880-704, o “skunk”) e Lutrinae. Nada têm a ver com os Ursidae.

As possibilidades reduzem-se à Família Procyonidae, comum em áreas sobrepostas às da lontra marinha. Examinámos os da América do Norte:

Procyon lotor

Potos flavus

Nasua spp.

Bassariscus astutus.

São de eliminar *Potos* e *Bassariscus*, demasiado pequenos.

Diferenças morfológicas afastam os coatis (*Nasua*), para mais com distribuição que, para Norte, pouco excede o México. Enfim, as comparações mais próximas referem-se às espécies do género *Procyon*, uma das quais, *P. lotor*, habita a América do Norte.

Todos são M2, 4 esquerdos (n^{os} 9, 20, 23, 29) e 5 direitos (n^{os} 8, 13, 14, 21, 27). Estão representados pelo menos 5 indivíduos.

Utilizámos como material de comparação os exemplares:

- *Procyon lotor*, sexo masc., 1901-614 e 1909-453;
- *Procyon lotor*, sexo fem., 1845-270 (só dentição superior).

Obtivémos para os M2 superiores:

- em 1901-614, compr. 5.4 e larg. 7.4;
- em 1909-453, compr. 5.2 e larg. 7.5;
- em 1845-270, compr. 5.4 e larg. 7.3.

As dimensões do lote de dentes da caixa (Quadro 4) excedem as dos espécimes actuais medidos.

Quadro 4

Molares (M2) atribuíveis a *Procyon*

Dimensões máximas (mm), e médias; (), medidas em condições deficientes; N° mínimo de indivíduos, NMI= 6

N° do molde	Esquerdo	Direito	Comprimento	Largura
8		*	9.3	10.3
9	*		9.3	9.5
13		*	9.6	9.9
14		*	(8.8)	10.8
20	*		9.3	10.0
21		*	9.3	10.8
23	*		8.9	9.1
27		*	9.3	10.8
29	*		8.7	10.0
30 (s/ molde, mutilado)		*	(8.1)	(10.1)
$\Sigma=10$	4	6	Média sem () = 9.2 (8 ex.)	Média sem () = 9.1 (9 ex.)

Ainda que com base em baixo número de espécimes, a atribuição a *P. lotor* parece justificada, pese embora alguma diferença de tamanho.

O variado regime alimentar dos *Procyon* incide bastante em pequenos animais aquáticos, como caranguejos. Estarão, as grandes dimensões dos dentes da caixa, relacionadas com uma população de área rica de alimento, permitindo que atingissem maior porte do que noutras áreas e circunstâncias?

Molares inferiores de carnívoro fissípede (N = 7):

Há outro lote de molares inferiores de perfil triangular, com tubérculos baixos, relacionados com funções triturantes.

O seu desenvolvimento leva, desde logo, a emitir a hipótese de corresponderem ao mesmo *Procyon* que os superiores acima referidos. Todos são M2.

Recorrendo ao mesmo material de comparação, encontramos os seguintes valores para o comprimento e largura máximos (Quadros 5 e 6).

Quadro 5

Dimensões (mm) de M2 inferiores de espécimes de *Procyon* do Muséum de Paris

Espécie	Referência	Sexo	Comprimento máx.	Largura máx.
<i>Procyon lotor</i>	1901-614	Masc.	8.2	4.9
“ “	1909-453	Masc.	8.8	5.4
“ “	1845-270	Fem.	(faltam os M2)	(faltam os M2)

Quadro 6

Molares inferiores (M2) atribuíveis a *Procyon*, dimensões máximas, valores médios em mm; NMI= 4

Nº do molde	Esquerd o	Direito	Comprimento	Largura
10		*	9.3	10.3
11	*		9.3	9.5
12		*	9.6	9.9
28		*	(8.8)	10.8
31	*		9.3	10.0
32		*	9.3	10.8
33	*		8.9	9.1
$\Sigma = 7$	4	3	Média de 8 ex., sem () = 9.2	Média de 9 ex., sem () = 9.1

A robustez destes M2 excede a dos *P. lotor* observados, mas não justifica exclusão por estar à mercê de variabilidade entre populações e de variedade individual ou sexual.

A atribuição a *P. lotor*, espécie já identificada a partir dos molares superiores, seria de esperar.

Opérculos de gastrópodes

As populações recorriam a conchas e opérculos de gastrópodes.

Era particularmente apreciada e utilizada matéria decorativa, colorida e iridescente, de conchas de “*abalone*”, em especial de “*green abalone*” – *Haliotis fulgens*; poderiam ter sido utilizadas placas na área dos olhos da máscara-elmo, de onde terão caído, perdendo-se. Aquelas espécies são comuns ao longo das costas do Pacífico, i.e. na Califórnia, onde a pesca é intensa, motivada também pelo elevado valor comercial como marisco.

Os “dentes” que ornaram a boca do urso representado na máscara-elmo são sobremaneira interessantes. Segundo Pedro Callapez, são opérculos da Superfamília Turbinoidea, Família Turbinidae, Subfamília Astreinae, espécie *Lithopoma gibberosa* (Dillwyn, 1817), denominada “*Red western star shell*” ou “*Red Turban*”.

Síntese e interpretação

Os factos são os seguintes (Quadros 7 e 8).

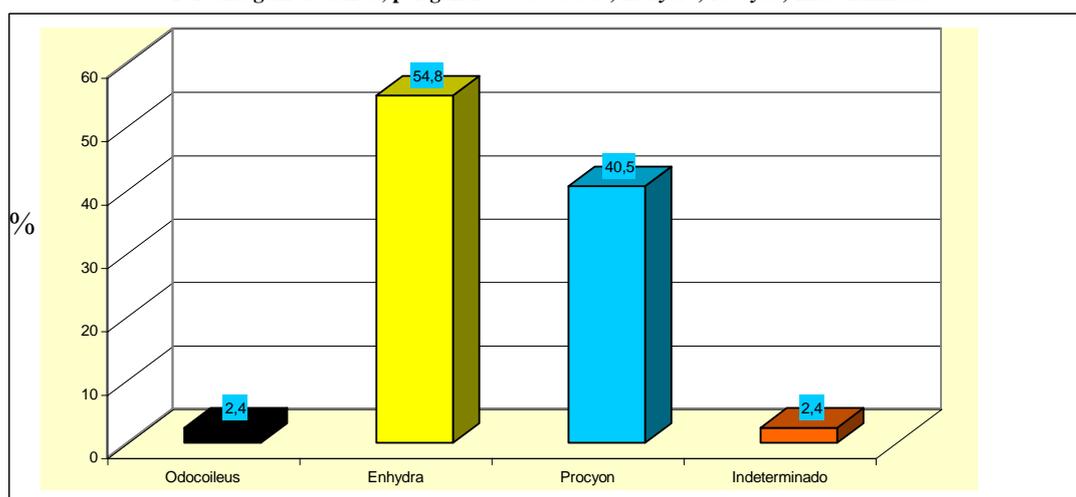
Quadro 7

Número de dentes (Nº) e número mínimo de indivíduos (NMI)

Dentes/ espécies	Nº	NMI	% do total
<i>Odocoileus cf. virginianus</i>	1	1	2.4
<i>Enhydra lutris</i>	22 (só 1 sup.)	10	52.4
Em falta, mas de <i>Enhydra</i>	1	-	2.4
<i>Procyon lotor</i>	10 sup.+ 7 inf.= 17	6	40.5
Mutilado, indeterminado	1	-	2.4
$\Sigma= 3$ espécies	Total implantado= 42	$\Sigma= 16$	$\Sigma= 100.1$
Presentes	41	-	97.6
Presentes, identificados	40	-	95.2
Total identificados	41	-	97.6

Quadro 8

Percentagem de dentes, por géneros: *Odocoileus*, *Enhydra*, *Procyon*, indeterminado



Outros materiais

Cabelo humano (implantado)

- Máscara facial (fig.2);
- Máscara facial c/ vestígios (fig.3).

Pele de elefante marinho do Norte, *Mirounga angustirostris* (Gill, 1866)

- Máscara-viseira (fig.4);
- Máscara-elmo (fig.5).

Pele de bisonte, *Bison bison* (Lin., 1758)

- Máscara-viseira (fig. 4).

Pigmentos vegetais e minerais

- Máscara facial policromada (fig. 2);
- Caixa (fig. 6).

Fibras vegetais

- Máscara facial policromada (fig. 2);
- Anzóis (fig. 11 a 14).

Opérculos

- Máscara-elmo (fig. 5).

Ossos

- Anzóis (fig. 11 a 14).

Lista das espécies animais reconhecidas

Em suma, é a seguinte a lista das espécies de animais reconhecidas (Quadro 9).

Quadro 9

Lista de espécies animais: ****, ***, **, • abundância relativa; - falta; (•) falta, mas presença possível

Lista	Máscara policroma	Máscara mortuária	Máscara de couro	Máscara-elmo	Caixa	Tigelas	Estatueta
MAMMALIA							
<i>Homo sapiens</i> (cabelo)	***	•	-	-	-	-	
? <i>Bison bison</i> (couro de ? bisonte)	-	-	•	•	-	(•)	
<i>Odocoileus</i> cf. <i>virginianus</i> (dente de veado)	-	-	-	-	•	-	
<i>Mirounga angustirostris</i> (couro de elefante-marinho)	-	-	***	***	-	-	
<i>Enhydra lutris</i> (dentes de lontra marinha)	-	-	-	-	****	-	
<i>Procyon lotor</i> (dentes de "raccoon")	-	-	-	-	**	-	
<i>Megaptera novaeangliae</i> (baleia de bossa, estatueta)	-	-	-	-	-	-	•
GASTROPODA							
<i>Haliotis</i> sp. (<i>H. fulgens</i> ?) (placas em falta, possivelmente coladas nos "olhos" da máscara)	-	-	-	(•)	-	-	
<i>Lithopoma gibberosa</i> . ("dentes" fabricados com opérculos)	-	-	-	**	-	-	

Significado biogeográfico

A distribuição geográfica das espécies de mamíferos é fonte de informação. A espécie mais importante é a lontra marinha. A sua ocorrência na caixa é suficiente para atestar origem norte-americana junto da costa do Pacífico, do Alasca à Califórnia, já que populações outrora existentes nas costas do Pacífico Norte-ocidental teriam decaído, senão desaparecido. Com efeito, há cerca de 250 anos tinha distribuição contínua desde a Baixa Califórnia a Hokkaido, no Norte do Japão. Foi reintroduzida em locais onde havia existido.

Pouco adianta o couro possivelmente de bisonte, pois a repartição de *Bison bison* era tão ampla na América do Norte que não permite grandes precisões.

O elefante-marinho, que estaria representado pela espécie do hemisfério Norte, *Mirounga angustirostris*, fornece indicações. As áreas de reprodução situam-se desde a Baja California até o Norte da Califórnia. A distribuição pode ter sido mais ampla; fora

da época de reprodução, as fêmeas migram para áreas ricas do Pacífico central enquanto os machos sobem até o Alasca. Pelas poderiam ser obtidas em todas as áreas de ocorrência, ainda que a caça fosse mais fácil em terra, nas áreas de reprodução.

Os veados *Odocoileus* têm ampla repartição até o Sul do Canadá, o que é compatível com o que sabemos acerca das áreas de possível ocorrência da caixa e outros objectos – seja qual for a espécie, se *O. virginianus*, mais amplamente distribuída, ou *O. hemionus*, presente em vasta área no ocidente da América do Norte.

É muito significativa a ocorrência de *Procyon lotor* que, a Norte, não ultrapassa o Sul da Colômbia Britânica. Constitui limite setentrional que afasta o Alasca como possível proveniência, mesmo até a área próxima de Sitka.

O gastrópode *Lithopoma gibberosa*, habita águas intertidais temperadas a frias da periferia do Pacífico da Baja Califórnia à Colômbia Britânica. A sua ocorrência constitui indício valioso pelo significado geográfico, paralelo às da lontra-marinha e do “raccoon”.

Independentemente das características das peças em estudo e dos elementos do seu estudo etnográfico, bastam os elementos zoológicos (para mais reforçados com a madeira de “red cedar”) para comprovar a origem na área da Colômbia Britânica.

5. Descrição e identificação das peças

O conjunto, agora identificado, pertence a culturas índias da área costeira do Pacífico Norte entre o Alasca e a Califórnia, designados por grupos culturais da costa Noroeste. Trata-se de objectos em tudo idênticos a outros recolhidos no decurso das viagens de europeus nas últimas décadas do séc. XVIII, nomeadamente as expedições de James Cook (1728-1779) entre 1776 e 1780.

Apesar de ser possível identificar a origem através de estudos comparativos que apontam para os *Nuu-chah-nulth* (Nootka) e *Tlingit*, dúvidas poderão persistir se considerarmos a diversidade de grupos que comerciavam e trocavam presentes. Podem e devem influenciar a nossa análise:

a) a frequência das festas cerimoniais “*potlatch*” nesta região e grupos a elas associados - prática frequente entre os *Nuu-chah-nulth* e os *Tlingit*.

b) as trocas comerciais entre grupos da costa Noroeste, v.g. entre os *Tlingit*, e grupos do interior da Colômbia Britânica.

Embora as “*potlatch*” servissem para reparar dívidas e obrigações, eram realizadas sob diversos pretextos: quando um sucessor assumia o seu novo estatuto social, no âmbito de cerimónias fúnebres ou de nascimento, na confirmação do poder face a outro rival, ou para salientar o prestígio e o estatuto dos chefes de clã. Os presentes eram função da situação social.

Eram convidados diferentes grupos da região. Os objectos trocados nessas “*potlatch*” têm tipologia muito própria, dado o valor que lhes era atribuído. Poucos acervos europeus possuem tais objectos. Os europeus que aportavam a estas paragens estabeleceram trocas com os naturais a pretexto de comércio ou de recolhas por naturalistas. Daí resultaram colecções.

É de notar que os dados fornecidos pelos mamíferos e a madeira dos artefactos indicam como probabilidade máxima as proximidades da ilha de Vancouver e as culturas *Nuu-chah-nulth* e *Tlingit*.



Fig. 2 – Máscara facial *Nuu-chah-nulth* (I).

I – Máscara facial

Inventário: N° antigo 5; n° verde, 676.

Dimensões (mm): Alt. máx., 253.0; Larg. máx., 190.5; Dimensão máx. ântero-posterior, 154.0; Alt. máx. interna, (225.9); Larg. máx. interna, 171.4.

Peso (g): 366.

Materiais: Madeira de “*western red cedar*”; cabelo humano; fibras vegetais; pigmentos minerais/vegetais?, couro e vestígios de cola (de peixe?)

Descrição: Policromada, esculpida em madeira, vazada nos olhos, narinas e boca. Pintura com pigmento preto na região frontal em duas linhas horizontais tracejadas, e nas têmporas em duas linhas verticais tracejadas. Pintura com pigmento vermelho na periferia das órbitas até o nariz, excepto na parte distal. Há um par de furos acima do lábio superior, tapado o da direita, e um par de sulcos nas arcadas supraciliares com vestígios de cola (de peixe?) possivelmente para implantação de pelos.

Área/Grupo cultural: Costa Noroeste, *Nuu-chah-nulth* (Nootka).

Área geográfica: Ilha de Vancouver, Colômbia Britânica, Canadá.

Datação provável (produção/uso): Finais do séc. XVIII.

Função: em cerimónias rituais.

Observações: Contagem dos anéis na zona das bochechas. N° total de anéis: 243 <> 190.7 mm aproximadamente, ou 1.27 anéis por mm;

- até 85 (N= 85), 51.3 mm ou 1.66 anéis por mm;

- 86 a 158 (N= 72), 52.9 mm ou 1.36 anéis por mm;

-159 a 243 (N= 84), 55.6 mm ou 1.51 anéis por mm.

O pedaço de madeira utilizado para produzir a máscara corresponde a mais de dois séculos de crescimento.



Fig. 3 – Máscara facial *Nuu-chah-nulth* (II).

II – Máscara facial provavelmente mortuária

Inventário: N° antigo, 4: 304; n° verde, 677.

Dimensões (mm): Alt. máx., 270.9; Larg. máx., 183.6; Dimensão máx. ântero-posterior, 108.5; Alt. máx. interna, (233.1); Larg. máx. interna, (164.7).

Peso (g): 706.

Materiais: madeira de “western red cedar”; couro, resina (sobrancelhas).

Descrição: esculpida em madeira, não vazada. Incisões profundas marcam as sobrancelhas, olhos (fendidos), narinas e boca. Face anterior polida.

Área/Grupo cultural: Costa Noroeste, *Nuu-chah-nulth* (Nootka)?

Área geográfica: Ilha de Vancouver, Colômbia Britânica, Canadá.

Datação: análise 14C, MAS, entre 1725 e 1815 com 2 sigma, probabilidade 95%; entre 1745 e 1805 com 1 sigma, probabilidade 68%. Indica aproximadamente a década de 1770.

Função: utilizada provavelmente em rituais funerários. Representará a morte ou o demónio?

Observações: há vestígios de implantação de cabelo. Assemelha-se a exemplares em acervos europeus, com destaque para uma máscara do *Museo dell Arti Primitiva de Rimini* que, segundo alguns autores, representa o “demónio” *Dzunukwa*; e para outra do *Museum für Volkerkunde* de Viena, recolhida na última expedição de Cook.

O primeiro exemplar, além de não vazado, possui implantação de cabelo humano em razoável estado de conservação, à semelhança da máscara da ACL. A nossa comparação evidencia maior aproximação com a máscara de Rimini.

Além da amostra para datação 14C retirada pelo Prof. João Pais da parte mais moderna da madeira, procedemos à contagem dos anéis (nem sempre fácil), essencialmente na zona das bochechas:

- até 61 (N= 61), 92.4 mm, ou 0.66 anéis por mm;
- 62 a 89 (N= 27), 17.6 mm, ou 1.53 anéis por mm;
- a partir de 90 (N= 66), ca. 52 mm, ou 1.25 anéis por mm.

N° total de anéis: 155 <> 182 mm aproximadamente, ou 0.85 anéis por mm.

Entre os anéis 61 e 89 a espessura, muito menor, parece denunciar uma sucessão de 28 anos de seca, com recuperação parcial mas sem atingir os valores do primeiro sector (até 61).



Fig. 4 – Máscara-viseira (III).

III – Máscara-viseira

Inventário: N° antigo em etiqueta: 306; n° menos antigo, noutra etiqueta, 329; n° verde, 874.

Dimensões (mm): Compr. máx., 261.8; Larg. máx., 283.6; Alt. máx., 130.1; Compr. máx. interno, 145.8; Larg. máx. interna, 165.0. Espessura máx. do couro, 8.4; idem da correia (couro de outro tipo, mais dobrável, ca. 6.5, sem apertar; máx. ântero-posterior, 108.5; Alt. máx. interna, (233.1); Larg. máx. interna, (164.7).

Peso (g): 572.

Materiais: couro de elefante-marinho do Norte [viseira], *Mirounga angustirostris*; couro de bisonte? *Bison bison*, bisonte americano [tira de suspensão].

Descrição: máscara moldada numa só peça de couro de elefante-marinho c/espessura máxima, 7.6 mm. Forma tronco-cônica, deixando de fora a calote craniana. Apresenta proeminência e perfurações para o nariz a permitir a respiração, e uma tira de suspensão posterior (nuca), presa à madeira por dois orifícios.

Área/Grupo cultural: Costa Noroeste, *Tlingit*?

Área geográfica: Costa sudeste do Alasca, Canadá.

Datação provável: finais do séc. XVIII.

Função: utilizada pelos guerreiros para protecção da face, boca e grande parte do pescoço.

Observações: além de protegerem a calote craniana, serviam de ornamentação. São idênticas às usadas em conjugação com as máscara-elmo, de que é exemplo a peça IV.



Fig. 5 – Máscara – elmo (IV).

IV - Máscara-elmo

Inventário: N° 3 antigo; n° 302 em etiqueta de papel; n° verde, 675.

Dimensões (mm): Compr. máx. na base, 286.4; Larg. máx., idem, 266.2; alt. máx. 231.6; Compr. máx. interno, 214.4; Larg. máx. interna, 195.2; Compr. máx. total 352.1.

Peso (g): 1862.

Materiais: madeira de “western red cedar”, pele, opérculos de *Lithopoma gibberosa*, cola de peixe? (vestígios)

Descrição: máscara zoomórfica esculpida em madeira, escavada, revestida de pele. Representa cabeça de mamífero de focinho alongado, pontiagudo, sem vibrissas, o que parece excluir focas. Pode sugerir um grande urso “grizzli”, *Ursus arctos* ssp. A pele de revestimento, dobrada sobre o núcleo de madeira e cosida à frente, é policromada a preto e vermelho. Na face inferior há duas correias de suspensão de couro implantadas em orifícios na madeira para envolver as orelhas do portador. Olhos e narinas esgrafitados no couro; um par de depressões escavadas com pequena perfuração central (obturada a do lado esquerdo), correspondentes à inserção de orelhas, que faltam. Boca entreaberta escavada, obturada com peça de madeira; fiadas de “dentes” superiores e inferiores, em depressões escavadas, confeccionados com opérculos de gastrópode marinho, *Lithopoma gibberosa* – 27 superiores (falta um) e 27 inferiores (11 em falta).

Área/Grupo cultural: Costa Noroeste, *Tlingit*?

Área geográfica: Sudoeste do Alasca, Colômbia Britânica, Canadá.

Datação: finais do séc. XVIII.

Função: utilizada por pessoas com estatuto elevado, provavelmente guerreiros, como indumentária de guerra e em cerimónias festivas.

Observações: nalgumas situações poderia estar associada a máscaras viseiras do tipo referido em III.



Fig. 6 – Caixa *Nuu-chah-nulth* (V).

V – Caixa

Inventário: s/nº de catálogo.

Dimensões (mm): Ver Quadro 10.

Peso (g): v. Quadro 10.

Materiais: Madeira de “*western red cedar*” revestida na face exterior com pigmento preto e dentes de mamíferos.

Descrição: caixa esculpida em forma de paralelepípedo, constituída por duas peças que encaixam. Tampa: decoração exterior com desenhos incisos, ornamentada com 43 dentes incrustados (um em falta) colados (cola de peixe?). Base e faces laterais decoradas com desenhos incisos.

Área/Grupo cultural: Costa Noroeste, *Nuu-chah-nulth* (Nootka)?

Área geográfica: Ilha de Vancouver, Colômbia Britânica, Canadá.

Datação: finais do séc. XVIII.

Função: utilizada por pessoas com estatuto elevado, provavelmente para guardar objectos importantes, nomeadamente setas. Inclui-se entre objectos normalmente oferecidos ou recebidos por ocasião das cerimónias “*potlatch*”.

Observações: os dentes não foram implantados ao acaso; parece ter havido selecção. Contagem dos anéis: no fundo, de tamanho inferior, a contagem é menor; enquanto que na tampa, embora a contagem seja difícil devido à tinta preta à superfície, ficamos com uma ideia muito aproximada. Nº de anéis medido: 175 <> 113.5 mm ou 1.54 anéis por mm; nº total, em 192 mm, extrapolado <> 296 anos.

Idêntica à caixa *Nuu-chah-nulth* recolhida por Cook em 1778, do Museum für Völkerkunde, em Viena (Inv. N.º 215).

Quadro 10 – Caixa

Dimensões máximas (mm), média de 5 medidas em pontos diferentes e peso (g)

	Peça superior (tampa)	Peça inferior (base)
Comprimento externo	1089	1017
Largura externa	191.7	171.8
Altura externa	42.4	29.1
Comprimento interno	1021	996
Largura interna	172.9	154.7
Altura interna	29.1	19.5
Peso	1238	718



Fig. 7 – Tigela, vistas interior e exterior (VI).

VI – Tigela

Inventário: Números em etiqueta, 278/1 e a verde, 796.

Dimensões (mm): 278/1 – Compr. máx., 335.8; Larg. máx., 286.9; Alt. máx., 100.8; Compr. máx. interno, 274.1; Larg. máx. interna, 271.0.

Peso (g): 519.

Materiais: madeira de “*western red cedar*”(?).

Descrição: esculpida numa só peça, arredondada, com uma pega e uma espécie de pé. A pega (lado esquerdo) apresenta dois furos por onde passa uma fita de couro para suspensão. Pé constituído por dois pequenos cilindros permitindo manter a peça erguida, desde que encostada. Face exterior com decoração geométrica incisa - oito feiras de sulcos paralelos repetidos ao longo de todo o bordo e alternando nas faces laterais com dois motivos decorativos em forma de quadrícula.

Área/Grupo cultural: ?

Área geográfica: Colômbia Britânica?

Datação provável: finais do séc. XVIII.

Função: recipiente.



Fig. 8 – Tigela, vistas interior e exterior (VII).

VII – Tigela

Inventário: n^{os} em etiqueta 278/2, sem n^o a verde.

Dimensões (mm): 278/2 – Compr. máx., 387.1; Larg. máx., 246.4; Alt. máx., 75.5; Compr. máx. interno, 238.0; Larg. máx. interna, 229.8.

Peso (g): 425.

Materiais: madeira de “*western red cedar*” (?)

Descrição: tigela esculpida, ovalada, com duas pegas, uma com duas furações por onde passa uma fita de couro para suspensão. A face exterior apresenta decoração geométrica incisa constituída por seis feiras de sulcos que se repetem ao longo do bordo.

Grupo cultural: ?

Área geográfica: Colômbia Britânica?

Datação provável: finais do séc. XVIII.

Função: recipiente.



Fig. 9 – Maço (VIII).

VIII – Maço

Inventário: n^{os} em etiqueta colada, antiga, 230; no Catálogo (CARVALHO, 2000: 71), 276; a verde, 785.

Dimensões (mm): 278/2 – Compr. máx., >248.9, tal como está conservado, um pouco superior se a caudal estivesse completa; Larg. máx. ao nível dos olhos, 47.1; Larg. máx. do lado esquerdo (33.9), por estimativa, larg. total ca. 68; Larg. da caudal, incompleta e com falta da parte direita, >24.5, total ca. x 2= ca. 49; Alt. máx. (ao nível da dorsal), 54.1; Compr. da boca, 57.5; Compr. da peitoral (direita, única conservada), 58.7.

Peso (g): 219.

Materiais: madeira de conífera.

Descrição: figura zoomórfica esculpida, representando a baleia do Pacífico Norte, *Megaptera novaeangliae*. Faltam a ponta do lobo esquerdo da caudal, o lobo e a “barbatana” direitos.

Grupo cultural: *Haida?*

Área geográfica: Colômbia Britânica.

Datação provável: finais do séc. XVIII.

Função: pesca?

Observações: incluído na colecção de Rodrigues Ferreira, do Brasil (Carvalho, ibidem).

Cabeça grande e focinho truncado permitem excluir a baleia azul, *Balaenoptera musculus*, onde as dimensões da cabeça diminuem gradualmente para a frente. Seria praticamente impossível a caça desta baleia com as técnicas de então quando se trata de animais que atingem 130 toneladas.

Condizem com *Megaptera* os fortes sulcos paralelos na região ventral, desde pouco atrás da sínfise até a vertical da parte posterior da “barbatana” dorsal. A dorsal nítida indica Balaenopterídeos e não as Baleias francas. O comprimento da cabeça (ca. de 70 mm) atinge uns 28% do compr. total. Mostra, em cima as narinas e, de cada lado, o sulco a separar a mandíbula do maxilar, com extremo distal descendente.

Segue-se, à esquerda, a “barbatana” peitoral, muito longa (ca. 59 mm, quase 24% – a bem dizer um quarto! - do compr. total). Este carácter, suficiente para excluir *Balaenoptera*, indica *Megaptera*.

Eram caçadas baleias no Brasil colonial, em particular no Norte (Ihering, 2002: 102-103), porém, não só não há quaisquer referências em Rodrigues Ferreira, como a quase totalidade dos seus percursos se situa no interior, onde não há baleias nem as conheciam. Acresce que a madeira é muito diferente das madeiras duras tropicais.

Estatuetas de mamíferos marinhos foram produzidas por povos da periferia do Pacífico (Smith, 2000: 13, incluindo baleias, idem: 25). Há exemplares idênticos relacionados com pesca. Maços deste tipo estavam normalmente presos a uma longa corda. Serviriam como flutuadores e para deferir um último golpe no peixe acabado de capturar.



Fig. 10 - Anzol *cheemaine* (IX).

IX – Anzol *cheemaine*

Inventário: sem etiqueta nem nº antigo; nº verde, 718.

Dimensões (mm): 180; Compr. máx., 145; Larg. máx. - .

Peso (g): 44.

Materiais: madeira, vime, osso (falta).

Descrição: - anzol em forma de C com ponta em osso, que falta, presa a uma das extremidades com fibra vegetal.

Área/Grupo cultural: *Nootka? Kwakiutl?*

Área geográfica: Colômbia Britânica.

Datação provável: finais do séc. XVIII.

Função: pesca do halibute.



Fig. 11 – Anzol *cheemaine* (X).

X – Anzol *cheemaine*

Inventário: sem etiqueta nem nº antigo; nº verde, 720.

Dimensões (mm): 71; Compr. máx., 30; Larg. máx. - .

Peso (g): 3.

Materiais: madeira, vime, osso.

Descrição: anzol em C, com ponta de osso presa a uma das extremidades (em posição invertida) com fibra vegetal. Corpo de madeira unido por tiras de fibra vegetal.

Área/Grupo cultural: *Nootka? Kwakiutl?*

Área geográfica: Colômbia Britânica.

Datação provável: finais do séc. XVIII.

Função: pesca.



Fig. 12 – Anzol *cheemaine* (XI).

XI – Anzol *cheemaine*

Inventário: sem etiqueta nem nº antigo; nº verde, 719.

Dimensões (mm): Compr. máx., 68; Larg. máx., 28.

Peso (g): 2.

Materiais: madeira, vime, osso.

Descrição: anzol em C, com ponta de osso presa a uma das extremidades (em posição invertida) por fibra vegetal.

Área/Grupo cultural: *Nootka? Kwakiutl?*

Área geográfica: Colômbia Britânica.

Datação provável: Finais do séc. XVIII.

Função: pesca.



Fig. 13 – Arpão (XII).

XII – Arpão

Inventário: sem etiqueta nem nº antigo; nº verde, 736.

Dimensões (mm): Compr. máx., 85; Larg. máx., 30; Compr. máximo (fio), 1200.

Peso (g): 47.

Materiais: osso?, fibra vegetal, resina.

Descrição: arpão constituído por duas pontas de osso unidas numa das extremidades com fibra vegetal e resina. Ao corpo do arpão está presa uma corda de fibra vegetal.

Área/Grupo cultural: *Nootka?*

Área geográfica: Colômbia Britânica.

Datação provável: finais do séc. XVIII.

Função: pesca do salmão, caça de focas.



Fig. 14 – Machado (XIII).

XIII – Machado

Inventário: sem etiqueta nem nº antigo; nº verde, 110.

Dimensões (mm): Cabo: 425; compr. máx., 190. Lâmina: compr. máx., 85; larg. máx., 40; espessura máx., 4.

Peso (g): 403.

Materiais: madeira, fibra vegetal, ferro.

Descrição: cabo de madeira e lâmina de ferro; encabamento reforçado com entrançado em fibra vegetal.

Área/Grupo cultural: *Nootka?*

Área geográfica: Colômbia Britânica.

Datação provável: finais do séc. XVIII.

Função: uso doméstico.

Peças da Colômbia Britânica no acervo do Museu da Academia das Ciências de Lisboa, não identificadas como tal, haviam sido observadas por Teixeira de Aragão. As seguintes, perdidas, são ilustrativas. V. descrições de Aragão (1892: 287 e 288) (nossa Fig. 18):

«287. Chapéu de forma cônica, feito de fios de palha torcidos e bem ligados entre si. Da copa prolonga-se do mesmo tecido uma especie de cupula, que alarga em bojo e termina superiormente em bico. A superfície exterior é pintada, representando figuras e barcos, e o forro é de *tucum* grosseiro.»

«288. Chapéu do mesmo feito e tecido, mas diverso nos desenhos.»



Fig. 15 – Mulher *Nuu-chah-nulth* com chapéu idêntico aos referidos por Aragão (idem, n.ºs 287 e 288) os quais, em 1892, pertenciam à Academia (Cook, James & King, 1785, T. III, Pl. 39).

Outros casos interessantes são os de uma adaga monolítica (n.º 13 da estampa de Aragão, reproduzida aqui - Fig. 18), em falta mas semelhante à da Fig. 16, e de um machado cerimonial (nossa Fig. 17).



Fig. 16 - Adaga monolítica *Nuu-chah-nulth* recolhida por J. Cook em 1778 – *Museum für Völkerkunde* de Viena – Inv. n.º 209 –, idêntica à existente na ACL até 1892 (ver Aragão, n.º 13 da Fig. 19).



Fig. 17 – Machado cerimonial *Nuu-chah-nulth* (n.º 10 da Fig. 19 de Aragão, ibidem).



Fig. 18 – Estampa ilustrativa de 16 dos objectos que a ACL enviou à Exposição em Madrid (1892) comemorativa do quarto centenário da descoberta da América (Aragão, *Catálogo...*, p. [45]).

Parte II. COLECÇÃO DO HAVAI

Dando sequência à identificação das colecções etnográficas extra-europeias da ACL, fomos surpreendidos por um pequeno conjunto de objectos, até à data confundido com a colecção amazónica. O estudo teve início com a identificação de um capacete de chefe e três anzóis do Havai (Fig. 19, 21 a 23).

Tudo indicava que as colecções do Pacífico eram mais vastas. Reforçavam-se as hipóteses de relação da recolha às duas últimas viagens de Cook, ou a ligações com Macau.

Neste sentido, foi reavaliado um novo conjunto de objectos e suas relações com o da Colômbia Britânica, procedendo a estudo comparativo com colecções de outros museus e com trabalhos sobre objectos etnográficos recolhidos nas viagens de Cook: Kaeppler (1978), Henare (2005) e Hooper (2006).

Julgamos estar em presença dum mesmo conjunto do Pacífico Sul, importante, que integrou o acervo do Museu da Ajuda em finais do séc. XVIII e foi repartido por Lisboa e Coimbra em 1806 - o que corrobora a sua antiguidade. Rodrigues Ferreira, na “*Relação dos Produtos naturaes e industriaes que deste Real Museu se remetterão para a Universidade de Coimbra em 1806*” refere o envio de objectos, por ele seleccionados em 1801, entre os quais 10 anzóis: ver doc. 26 em *Memória da Amazônia...*, Estampas IX a XXI e em *Viagem ao Brasil...*, vol. II, p. 38; sabia não serem da Amazônia, atribuindo-lhes, por desconhecimento, eventual origem africana. Este facto permite deduzir que a incorporação desses objectos no Museu da Ajuda se terá concretizado entre 1783 e 1791, durante a sua *Viagem Filosófica*.

1. Descrição e identificação

É o seguinte, o Inventário (Quadro 12). Seguem-se descrições.

Quadro 12 - Inventário

Objecto	Designação	Nº muito antigo, inscrito	Etiquetas antigas e n.os de Aragão em <i>itálico</i>	Etiqueta R.C.	Nº verde
XV	Capacete <i>mahiole</i>	-	<i>675</i>	-	-
XVI	Anzol <i>compósito</i>	-	-	ACL-204	804
XVII	Anzol <i>makau</i>	426	-	-	674
XVIII	Anzol <i>makau</i>	-	-	-	733
XIX	Anzol <i>makau</i>	-	-	-	733
XX	Anzol <i>makau</i>	495	-	-	652
XXI	Anzol	424	-	-	679

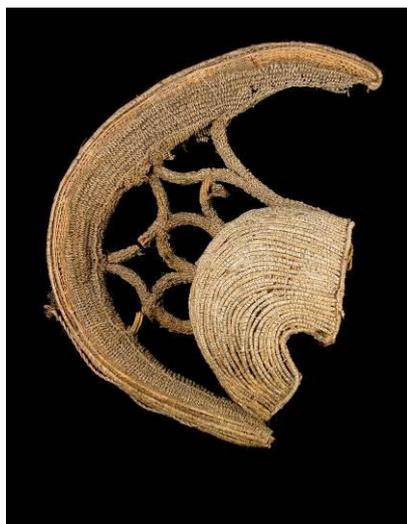


Fig. 19 – Capacete *mahiole* (XIV).

XIV – Capacete *mahiole*

Inventário: n° Aragão, 675.

Dimensões (mm): alt. máx., 540; compr. máx., 480; larg. máx., 300.

Peso (g): 486.

Materiais: fibras vegetais e penas (vestígios).

Descrição: corpo tecido com fibras vegetais, chanfrado na zona das orelhas e encimado por uma estrutura em forma de crista longa; estes dois elementos estão unidos entre si por arcos arredondados; originalmente coberto de penas coloridas.

Área/Grupo cultural: Havai.

Área geográfica: Oceânia.

Datação provável: finais do séc. XVIII.

Função: adorno; insígnia de poder utilizada pelos grandes chefes.

Observações: estes capacetes eram utilizados pelos chefes, em conjunto com capas e mantos também cobertos de penas. O tamanho das capas e mantos, assim como as cores das penas, estavam relacionados com o estatuto do utilizador.

ADITAMENTO (Jan° de 2013) – Este capacete foi estudado de novo por solicitação de Wendy S. Arbeit, da Universidade de Havai, com autorização de M. Telles Antunes. Revelou-se de tipo inédito em pormenores da sua confecção. Pelo especial interesse, a nível internacional, foi descrito e teve honras de figurar na capa de uma memória desenvolvida sobre objectos etnológicos das ilhas Havai (Arbeit, 2011: 125).



Fig. 20 – Anzol composto (XV).

XV – Anzol

Inventário: Aragão n.° 421, ACL – 204; n° verde: 804.

Dimensões (mm): compr. máx., 90.

Peso (g): 18.

Materiais: osso, madrepérola, fibra vegetal.

Descrição: anzol composto, incompleto, constituído por um elemento de osso de forma ovalada em que uma das faces é plana. A este osso está presa uma placa de madrepérola. Estes dois elementos têm, nas extremidades, dois furos solidários por onde passa uma longa corda de fibra vegetal. Numa das extremidades da placa de madrepérola estava originalmente presa a ponta do anzol, em osso, casca de tartaruga ou concha.

Área/Grupo cultural: Havai?

Área geográfica: Oceânia.

Datação provável: finais do séc. XVIII.

Função: utilizado como isco artificial na pesca do bonito e outros peixes.



Fig. 21 – Anzol makau (XVI).

XVI – Anzol makau

Inventário: Aragão n.º 426 e n.º verde 674.

Dimensões (mm): compr. máx., 198.

Peso (g): 20.

Materiais: osso.

Descrição: anzol duplo incompleto, em V, constituído por duas pontas de osso unidas.

Área/Grupo cultural: Havai.

Área geográfica: Oceânia.

Datação provável: finais do séc. XVIII.

Função: pesca.



Fig. 22 – Anzol makau (XVII).

XVII – Anzol *makau*

Inventário: n.º verde 733a.

Dimensões (mm): compr. máx., 58.

Peso (g): 7.

Materiais: osso.

Descrição: anzol duplo, incompleto.

Área/Grupo cultural: Havai.

Área geográfica: Oceânia.

Datação provável: finais do séc. XVIII.

Função: pesca.



Fig. 23 – Anzol *makau* (XVIII).

XVIII - Anzol *makau*

Inventário: n.º verde 733b.

Dimensões (mm): compr. máx., 64.

Peso (g): 4.

Materiais: osso.

Descrição: anzol duplo, incompleto.

Área/Grupo cultural: Havai.

Área geográfica: Oceânia.

Datação provável: finais do séc. XVIII.

Função: pesca.



Fig. 24 - Anzol (XIX).

XIX – Anzol

Inventário: Aragão: 425; n.º verde: 652.

Dimensões (mm): ponta, compr. máx., 120; pega, compr. máx., 280.

Peso (g): 29.

Materiais: osso, madeira, fibra vegetal.

Descrição: anzol duplo em V com duas pontas de osso unidas por fibra vegetal, presas a uma haste de madeira em T por uma corda também de fibra vegetal.

Área/Grupo cultural: Havai.

Área geográfica: Oceânia.

Datação provável: finais do séc. XVIII.

Função: pesca.



Fig. 25 – Anzol (XX).

XX – Anzol

Inventário: Aragão: 424; verde n.º 679.

Dimensões (mm): corda, compr. máx., 540; corpo, compr. máx., 100.

Peso (g): 9.

Materiais: madeira; osso (ponta); fibra de coco?

Descrição: anzol constituído por um elemento de madeira em C e ponta de osso. Presa à outra extremidade, possui uma longa corda em fibra vegetal.

Área/Grupo cultural: Havai.

Área geográfica: Oceânia.

Datação provável: finais do séc. XVIII.

Função: pesca.

Observações: anzóis idênticos, maiores, eram utilizados na pesca de tubarões.

Comparação

As peças desaparecidas seriam próximas das a seguir figuradas.



Fig. 26 – Manto do Havai idêntico ao que existia nas coleções da ACL até 1892, juntamente com um cabeção (Aragão, n.º 192 e 193). Na viagem de Cook foram recolhidos cerca de trinta destes mantos, o que evidencia a sua abundância (Kaeppler, 1976: 60).

São reconhecíveis através de descrições de Aragão (idem: 192 e 193) no acervo da ACL:

«192. Trofa ou capa (acoyaba): tecido de malha em fios de embira, ligados com pennas amarelas, e junto à gola uma pequena barra de pennas encarnadas. Altura 1,43 m; roda 3,44 m.

193. Cabeção tecido de embira com pennas vermelhas, matisadas com rodellas de pennas amarellas. Altura 0,44 m; roda 1,46 m.»



Fig. 27 – Capacete mahiole, idêntico aos dois existentes na ACL em 1892 (Aragão, n.º 194 e 195; nossa Fig. 20).

Prosseguindo segundo Aragão (idem: 194 e 195), reconhecem-se, no acervo de então da ACL:

«194. Capacete cujo casco é formado por tecidos de palha (cipó) tendo aos lados chanfraduras para as orelhas ficarem livres. Exteriormente é forrado por cordões enrolados por fibras vegetaes, da linha média antro-posterior partem uns suportes em arco, feitos dos mesmos cordões, sustentendo a cimeira que mede 0m,90, sendo a altura toda do capacete, 0,m34.»

«195. Capacete apenas diferente do anterior em os suportes serem rectos e não em arco.

Todos estes tecidos ligados por pennas são habilmente feitos, sendo dos mais notáveis os da tribo *Mundurucú*.»
[Nota: confusão de Aragão com um grupo cultural do Brasil]

Aragão refere que estes capacetes vinham descritos, com pequenas diferenças, por L. Freycinet em *Histoire du voyage autour du monde*, 1817-1818, e que eram usados pelos chefes das ilhas Sandwich [Havai]. Acrescenta ainda que os dois capacetes da ACL eram cobertos de penas, mas estas “... foram destruídas pela traça, e assim estão

danificadas muitas das preciosas peças d'este genero, que possuía o museu ethnographico da Academia.”, Aragão, *Catálogo...*, 1892, p. 18.

2. Recolha e incorporação

Persistem aspectos obscuros quanto à história destes dois núcleos etnográficos e sua incorporação no Museu da Academia das Ciências de Lisboa. Os objectos que os constituem ressurgiram esporadicamente durante o século XIX, mas limitados por conhecimentos e interpretações quase sempre erróneas.

A proveniência e o modo como chegaram à Academia são problemas interessantes. Houve esquecimento durante mais de dois séculos e perda de informação. De tudo, resulta a dificuldade em circunscrever geográfica, cultural e biograficamente a sua recolha.

Sublinhe-se que, além do progresso dos conhecimentos da área do Pacífico consequente das expedições que europeus promoveram e dos expectáveis benefícios, políticos e outros, havia a considerar o comércio. As peles de lontra marinha – macias, castanho-escuras, belas, as mais preciosas – eram, nos finais do séc. XVIII, produto de luxo intensamente comercializado, em especial para a Rússia e China. Macau desempenhava papel significativo neste tráfego.

Analisando a informação disponível, alguma recente, discutiremos três hipóteses plausíveis no contexto científico, comercial e diplomático português das últimas décadas do séc. XVIII.

A terceira expedição de James Cook

É de salientar o impacto das viagens de Cook no mundo científico. Academias e museus pretendiam objectos obtidos nessas expedições. Nesta dinâmica de compra, venda ou permuta, são de notar a dispersão do espólio correspondente, bem como as relações entre as academias europeias e os naturalistas entre si. As colecções russas recolhidas durante as viagens políticas e científicas no Pacífico Norte foram integradas numa mesma instituição, o Museu Etnológico de São Petersburgo. Por outro lado, as recolhas britânicas integraram colecções públicas e privadas por todo o mundo (Collado, 2000:15).

A hipótese mais plausível é a de estes objectos terem sido recolhidos durante a última viagem de Cook ao Pacífico, entre 1776 e 1779 [regresso dos navios em 1780]. Em Londres, as colecções foram repartidas. Um mesmo coleccionador podia adquirir conjuntos a vários colectores e em diversos momentos.

Sir Joseph Banks (1743-1820), célebre botânico e “etnógrafo”, participou na 1ª expedição de Cook, de 1768 a 1771; depois, foi longamente Presidente da Royal Society. Segundo Kaeppler (1978: 40-41), Banks terá sido um dos maiores coleccionadores ingleses dos finais do séc. XVIII, ao reunir recolhas próprias durante a viagem em que participou e, ulteriormente, aquisições concernentes às segunda e terceira viagens de Cook, bem como de outros viajantes. Conhecia, trocava correspondência, oferecia ou permutava material com naturalistas europeus (Fig. 28). Destacam-se as suas relações com José Correa da Serra (1750-1823), que instalou na sua casa em Londres, com o jesuíta João de Loureiro (1717-1791), Félix Avelar Brotero (1744-1828) e Domingos Vandelli (1735-1816). Permutas, houve-as nomeadamente entre D. Vandelli e Carl von Linné (1707-1778) (Cantinho, 2005).

Albot	Alcarville 7 1	Hostler	23r
Agelius 3	Botto 2	Howell	
Ament 2	1800	Shut	
Alton 7-8	Corson	Stambitt 7 2	
Anonymous	Coxell	James	
Alwood 13	Cowan	Johnson	
Baillieu 7 1	Dolanus 7 3	Kent	
Bairnart	Doran	Kirwan	
Barnet 7 1	Fergus	Knight	
Balsnet 7 1	Frankland	Lalonde 7 2	
Blewick	Gardner 7 1	Laudonno 7 1	
Biggers	Halden 7 1	Lauray 7 2	
Blayden	Hambrovi	Meriton 7 1	
Blyth	Hopier	Leake 7 1	
Bhumbach	Hornville	Leesford	
Bird	Hughes 7 1	Levy	
Bolton 7 1	Harrison	Lysons	
Brougham	Harrison	Mackenzie	
Brown	Kaschett	Mackenzie	
Brigg 7 1	Kearny 7 1	Maitland	
Carlisle	Kochmeyer 7 1	Maitland	
Casson 7 1	Korschel	Manly	
Cels 7 1	Krasky	Marsden	
Chamberlain 7 1	Krasky	Martin 7 1	
Churchman 7 1	Krasky	Maskeyre	

Fig. 28 – Lista de correspondentes de J. Banks (Papers of Sir Joseph Banks, Section 15, CY3683/522) <http://image.sl.nsw.gov.au/banks/830522.jpg>). são de salientar os nomes de [Félix de Avellar] Brotero e de [José] Correa [da Serra].

Compras e ofertas via Londres, directas ou recorrendo aos bons ofícios e à enorme influência de Sir Joseph Banks, poderiam ter tido vários destinos em Lisboa:

- O Museu Real de História Natural da Ajuda, cujas aquisições estiveram relacionadas com orientações dos Secretários de Estado da Marinha e Domínios Ultramarinos: Martinho de Mello e Castro entre 1770 e 1796, e Rodrigo de Sousa Coutinho de 1796 a 1801.

- A Real Academia das Sciencias de Lisboa através de correspondentes em Inglaterra, com destaque para Correia da Serra, que manteve intensa actividade em prol da Academia; sublinhe-se que a Real Academia, criada em 1779, projectou desde logo a constituição de um Museu, interesse documentado numa sua edição de 1781: “*Breves Instruções...*”.

- A colecção que Frei José Mayne estava a constituir para o Convento da Ordem Terceira.

Nem por isso ficam esgotadas as possibilidades, porque figuras de grande relevo e com meios estavam a constituir colecções, caso do Marquês de Angeja.

É de sublinhar que a datação 14C aponta para a década de 1770, perfeitamente compatível com a 3ª expedição de Cook.

Como se viu, a distribuição de mamíferos representados nos objectos em estudo exclui latitudes que não ultrapassam a parte meridional da Colômbia Britânica, o que parece excluir culturas ameríndias mais a Norte, como a *Tlingit*, ressalvada uma excepção. É muito possível a proveniência das imediações da Ilha de Vancouver, cultura *Nuu-chah-nulth* (Nootka), a menos que provenham de trocas de objectos, como por ocasião de festas “*potlatch*”.

O papel de Macau

Está documentado o comércio de peles com a América do Norte a partir de Macau, que desempenhava papel significativo para as potências europeias que tinham intercâmbio com a China. Ao aí fazer escala, Jean François de Lapérouse (1741-1788) encontrou no porto cerca de 29 navios ingleses, holandeses, dinamarqueses e franceses (Brossard, 1965: 34).

Nesta relação com Macau, destacam-se comerciantes interessados no comércio de peles entre a América do Norte e a China, como os ingleses John Meares (c. 1756-1806), James Colnett (1753-1806) e Daniel Beale.

Meares empreendeu viagens à costa noroeste da América do Norte em 1787 e 1788. Na segunda viagem, partiu de Macau em Janeiro sob pavilhão português, tentando fugir à hegemonia das companhias britânicas. Em 1788-1789 une-se à King George's Sound Company e cria uma nova companhia dedicada, em exclusivo, ao comércio com a Costa Noroeste da América do Norte. Chegou em Maio a Nootka Sound, junto da Ilha de Vancouver, onde tentou negociar a exclusividade de comércio naquela área com o chefe *Nootka*, de nome Maquina. Regressou a Macau em Setembro, deixando dois navios nas ilhas Sandwich (Havai) durante o Inverno.

James Colnett participou na segunda expedição de J. Cook, em 1786. Integrou a viagem comercial da "King George's Sound Company" à Costa Noroeste da América do Norte. Durante dois anos dedicou os verões ao comércio de peles, invernando no Havai. Em 1788, instalado em Cantão (e Macau), passou a trabalhar para a companhia acabada de criar por Meares. A sua primeira missão, na Primavera de 1789, foi a de comandar uma frota de cinco ou seis navios com destino à Baía de Nootka.

O comerciante Daniel Beale, cônsul da Prússia em Hong Kong e Macau, permaneceu algum tempo nesta região. Acompanhou Meares na sua última expedição à América do Norte (1788). Nesta, Meares estabeleceu um posto comercial em Nootka Sound (Malaspina, 2003: 341).

Não se pode inteiramente excluir a hipótese de que a recolha das peças da ACL tenha resultado de uma aquisição durante alguma destas viagens, subsequente venda e remessa de Macau para Lisboa, nomeadamente para o Museu da Ajuda, em obediência às directrizes de Mello e Castro. Por outro lado, não é de desprezar a possibilidade de sócios correspondentes da Academia das Ciências terem respondido ao apelo que esta fez a partir de 1781 para constituir um Museu Nacional, nem de ter havido diligências do Padre Mayne nesse sentido.

Confirma-se que o Havai passara a ser escala obrigatória dos navios idos de Macau para a Colômbia Britânica, onde normalmente invernavam. A descoberta de peças havaianas no Museu da Academia das Ciências é compatível com esta hipótese.

Relações com a Rússia

É profusa a documentação na Academia das Ciências de Lisboa acerca das relações entre a Rússia e Portugal. Merecem realce a conhecida miniatura de marfim representando o Tsar Pedro, o Grande, bem como um medalheiro com medalhas de estanho prateado figurando pessoas e eventos com temática russa.

A possibilidade de aquisição através de intervenção russa teria de ser explorada, tanto mais que a colecção da Academia inclui peças oriundas do Império russo e que o primeiro Presidente, D. João de Bragança, o 2º Duque de Lafões, privou com a Imperatriz Catarina, a Grande.

Foi recebido espólio, em circunstâncias insuficientemente esclarecidas.

Outra fonte de peças decorativas e produtos naturais de origem russa foi, em 1788, Nicolau Kopke, negociante do Porto, que mantinha relações com aquele país e com o padre Mayne, Superior da Ordem Terceira e criador do Museu que recorda o seu nome. Este, recebeu três caixões com animais embalsamados, minerais, conchas, etc. (Carvalho, 1987: 77).

O comércio de peles está relacionado com a expansão comercial russa. Uma carga valia uma fortuna. Aquando da 2ª expedição russa (1733-1742) a Kamchatka, ao Pacífico Norte e à (primeira) ligação com a América comandada por Vitus Bering, o naturalista a bordo, Georg Wilhelm Steller ficou (por aquisição e por dádivas de

marinheiros que salvara da morte por escorbuto) com 300 das 900 peles de lontra marinha que a expedição trouxe da ilha de Bering (Engel & Frost, 2002). A data 14C afasta-se das explorações russas: a de Bering e Alexei Chirikov, 1741-1742; e as seguintes, entre 1785 e 1795, comandadas por Joseph Billings (1758-1806), inglês que havia navegado com Cook.

A obtenção através da Rússia não é inverosímil, ainda que nada a tenha vindo comprovar.

Parte III. COLECCÃO PRÉ-COLOMBIANA DO PERU

1. Dados históricos

As primeiras recolhas significativas, por portugueses, de material etnográfico e arqueológico sul-americano fora do Brasil são devidas a Januário Correia de Almeida (1829 -†1902), sucessivamente Visconde e Conde de S. Januário. Foi político, Ministro, sócio da Academia das Ciências e primeiro Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa. Nomeado em 1878 Ministro Plenipotenciário de Portugal em países sul-americanos de língua espanhola, regressou a Lisboa em finais de 1879. Segundo a Proposta para ingresso como Sócio Correspondente da Real Academia das Ciências de Lisboa, subscrita em 7 de Janeiro de 1881 pelos Sócios Efectivos, José Silvestre Ribeiro, Manoel Pinheiro Chagas e Augusto Carlos Teixeira de Aragão:

“Não pôde ser indiferente á Academia um tal escripto, nem tão pouco lhe pôde ser indiferente o serviço que o auctor prestou, aproveitando a sua passagem por toda a América para adquirir collecções de zoologia, botânica, mineralogia e archeologia, e também de cartas geographicas e livros: o que tudo tem offerecido a vários estabelecimentos scientificos nacionaes.”

No início de 1880, organizou uma Exposição no Museu do Carmo onde expôs parte das suas colecções sul-americanas (*BAAP*, n.º 1, 1880, p. 13).

O espólio foi, em parte, doado a instituições portuguesas. No que diz respeito à Academia das Ciências, peças da América do Sul foram enviadas para a Exposição no 4º Centenário da Descoberta da América por Cristóvão Colombo (Madrid, 1892), conforme o Catálogo (Aragão, 1892: 27-32). A lista abrange exemplares que faltam na colecção, desconhecendo-se o seu destino: subsistem três de quatro de barro vermelho, faltando a que tinha o nº 350 (*ibidem*: 32):

“N.º 350 – frasco cylindrico, n’um extremo de menor diâmetro o gargallo sobre a cabeça de um animal com colleira de embira e chapas de latão, onde prende o cordão, indo a outra extremidade d’este atar no fundo a um pedículo que tem a base. O cordão serve para o segurar a tira-collo.”

Mantêm-se no Museu da Academia *seis* das vinte e duas peças iniciais de barro preto (*ibidem*: 30-32; números 324 a 346).

Este espólio terá ingressado na Academia entre 1880 e 1892. A reforçar esta interpretação, encontramos no Catálogo do Museu do Carmo (1891) uma lista da qual, obviamente, não fazem parte os espécimes da Academia.

2. Recolha e incorporação

No século XIX verificou-se uma corrente de americanismo, traduzida na recolha de colecções etnográficas, sobretudo do México e do Peru, em parte em contexto arqueológico.

Na América do Sul, os Chimú desempenharam papel primacial nos Andes centrais. Destacaram-se pela produção de objectos de alta qualidade artística, com realce para cerâmicas. Período particularmente fecundo, o chamado “Intermédio tardio”, situa-

se entre o século XI e 1476, quando foram subjugados pelos Incas – vindo estes, por sua vez, a ser dominados pelos espanhóis no séc. XVI.

No caso, trata-se de cerâmicas produzidas mediante utilização de moldes, normalmente de carácter antropomórfico, zoomórfico ou fitomórfico. A colecção inclui excelentes exemplares (V. Inventário, Quadro 13).

Quadro 13 – Inventário

SÍMBOLOS: IT – Intermédio tardio, c. 1000-1476 AD; HM – Horizonte médio, c. 600-1000 AD.

TIPOS DE BARRO: preto (●), castanho-avermelhado (○).

CULTURAS: C, Chimú, Andes centrais; L, Lambayeque, costa Norte do Peru

Objecto	Objecto	Barro	Cultura	Cronologia	Nº inscrito	Etiquetas antigas e n.os de Aragão em <i>italico</i>	Etiqueta R.C.
XXII	Bilha/ lama ou alpaca	●	Chimú	IT	609	329	-
XXIII	Garrafa/ ariranha	●	Chimú	IT	613	330	-
XXIV	Bilha com asa em estribo/ macaco	●	Chimú	IT	610	326	-
XXV	Bilha com asa em estribo/ macaco	●	Chimú	IT	611	325	-
XXVI	Bilha/ pássaro	●	Chimú	IT	607	331	-
XXVII	Bilha/ macaco	●	Chimú	IT	608	328	-
XXVIII	Garrafa/ cabaças	○	Lambayeque	HM	-	347	ACL-189
XXIX	Assobio/ Crocodilídeo	○	Lambayeque	HM	31	348	ACL-192
XXX	Bilha/ vagens	○	Chimú	IT	61	349	ACL-191



Fig. 29 – Bilha (XXI).

XXI – Bilha

Inventário: Aragão n.º 329 e n.º inscrito 609.

Dimensões (mm): alt.: 180; compr.: 215; larg.: 180.

Peso (g): 497.

Materiais: cerâmica preta.

Descrição: bilha zoomórfica: Camelídeo – lama ou alpaca, *Lama* sp. com asa em ferradura.

Área/Grupo cultural: Cultura Chimú.

Área geográfica: Andes centrais, Peru.

Datação provável: Intermédio tardio, 1000 – 1476 AD.

Função: uso doméstico; uso cerimonial como oferenda funerária.



Fig. 30 – Garrafa (XXII).

XXII – Garrafa

Inventário: Aragão n.º 330 e n.º inscrito 613.

Dimensões (mm): alt.: 120; compr.: 290; larg.: 110.

Peso (g): 576.

Materiais: cerâmica preta.

Descrição: bilha zoomórfica em forma de “nutria” (ariranha, *Pteronura brasiliensis*).

Área/Grupo cultural: Cultura Chimú.

Área geográfica: Andes centrais, Peru.

Datação provável: Intermédio tardio, 1000 – 1476 AD.

Função: uso doméstico; uso cerimonial como oferenda funerária.



Fig. 31 – Bilha (XXIII).

XXIII – Bilha

Inventário: n.º inscrito 610; Aragão n.º 326.

Dimensões (mm): alt.: 230; compr.: 120; larg.: 100.

Peso (g): 645.

Materiais: cerâmica preta.

Descrição: bilha com asa em estribo. Corpo trapezoidal encimado por um macaco (*Lagothrix* sp.). A asa, que liga estes dois elementos, está decorada com um macaquinho. Estas bilhas são características da cultura Chimú.

Área/Grupo cultural: Cultura Chimú.

Área geográfica: Andes centrais, Peru.

Datação provável: Intermédio tardio, 1000 – 1476 AD.

Função: uso doméstico; uso cerimonial como oferenda funerária.

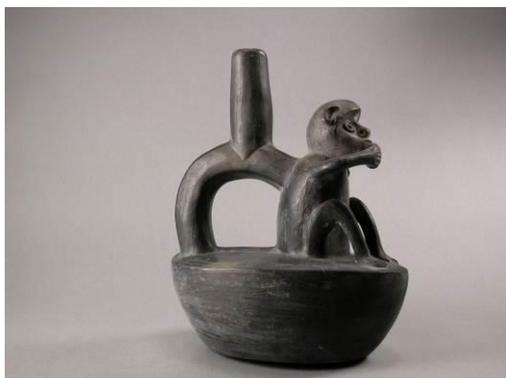


Fig. 32 – Bilha (XXIV).

XXIV – Bilha

Inventário: n.º inscrito: 611; Aragão n.º 325.

Dimensões (mm): alt.: 200; compr.: 160; larg.: 100.

Peso (g): 493.

Materiais: cerâmica preta.

Descrição: bilha com asa em estribo. Corpo oblongo encimado por um macaco (*Lagothrix* sp.) comendo um fruto. Bilha característica da Cultura Chimú.

Área/Grupo cultural: Cultura Chimú.

Área geográfica: Andes centrais, Peru.

Datação provável: Intermédio tardio, 1000 – 1476 AD.

Função: uso doméstico; uso cerimonial como oferenda funerária.



Fig. 33 – Bilha (XXV).

XXV – Bilha sibilante

Inventário: Aragão n.º 331; n.º inscrito: 607.

Dimensões (mm): alt.: 150; compr.: 190; larg.: 95.

Peso (g): 413.

Materiais: cerâmica preta.

Descrição: bilha com dois corpos unidos por uma ponte. Um dos colos é rematado por um pássaro. Bilhas características da Cultura Chimú.

Área/Grupo cultural: Cultura Chimú.

Área geográfica: Andes centrais, Peru.

Datação provável: Intermédio tardio, 1000 – 1476 AD.

Função: uso doméstico; uso cerimonial como oferenda funerária.



Fig. 34 – Bilha (XXVI).

XXVI – Bilha

Inventário: Aragão n.º 328; n.º inscrito: 608.

Dimensões (mm): alt.: 180; compr.: 190; larg.: 100.

Peso (g): 589.

Materiais: cerâmica preta.

Descrição: bilha representando um macaco (*Lagothrix* sp.) a comer um fruto.

Área/Grupo cultural: Cultura Chimú.

Área geográfica: Andes centrais, Peru.

Datação provável: Intermédio tardio, 1000 – 1476 AD.

Função: uso doméstico; uso cerimonial como oferenda funerária.



Fig. 35 – Garrafa (XXVII).

XXVII – Garrafa

Inventário: Aragão n.º 347; n.º etiqueta: ACL-189.

Dimensões (mm): alt.: 220; compr.: 250; larg.: 110.

Peso (g): 991.

Materiais: cerâmica castanho-avermelhada.

Descrição: grupo escultórico representando frutos (cabaças), com desenhos geométricos a negro.

Área/Grupo cultural: Lambayeque.

Área geográfica: costa Norte, Peru.

Datação provável: Horizonte médio, 600-1000 AD.

Função: uso doméstico.



Fig. 38 – Assobio (XXVIII).

XXVIII – Assobio

Inventário: Aragão n.º 348; n.º inscrito: 20 ou 31; n.º etiqueta: ACL-192.

Dimensões (mm): alt.: 100; compr.: 370; larg.: 180.

Peso (g): 611.

Materiais: cerâmica castanho-avermelhada.

Descrição: assobio representando um Crocodiliforme, caimão pequeno, *Palaeosuchus* sp.

Área/Grupo cultural: Lambayeque.

Área geográfica: costa Norte, Peru.

Datação provável: Horizonte médio, 600-1000 AD.

Função: uso doméstico.

Observações: é da maior raridade, conforme evidencia a inexistência nas colecções do Museo Larco, de Lima (Peru), segundo informação da Conservadora.



Fig. 39– Bilha (XXIX).

XXIX – Bilha

Inventário: Aragão n.º 349; n.º inscrito: 61; n.º etiqueta: ACL-191.

Dimensões (mm): alt.: 190; compr.: 160; larg.: 140.

Peso (g): 391.

Materiais: cerâmica castanho-avermelhada.

Descrição: bilha globular com asa em meio estribo, decorada com três vagens (pacaie ou guaba, *Inga feuilleei*). Vestígios de pintura a negro.

Área/Grupo cultural: Cultura Chimú.

Área geográfica: Andes centrais, Peru.

Datação provável: Intermédio tardio, 1000-1476 AD.

Função: uso doméstico.

Observações: existem óbvias semelhanças com as duas peças da Cultura Lambayeque, atrás descritas. Foi esta a classificação admitida por uma especialista, Ulla Holmquist, do Museo Larco.

3. Contexto biogeográfico

Os animais representados nas peças da colecção da Academia das Ciências de Lisboa são os seguintes.

Macacos

Há três exemplares figurados, cuja identificação é algo problemática dentre os platirríneos: não dispomos da cor, nem sabemos do tamanho nem controlar o rigor da figura. Não obstante, pode ser tentada.

Ostentam morfologia semelhante. Parecem corpulentos, com cauda forte moderadamente longa, olhos não enormes, membros não muito alongados. Contudo, diferem entre si. Em dois, semelhantes, há uma proeminência frontal pontiaguda a meio, de cabelo, particularidade que não é visível no restante.

Com estes caracteres, é possível eliminar algumas hipóteses. Podemos excluir os saguis (Família Callithricidae), pequeninos e geralmente com tufo de pelos nas orelhas e cabeça, cauda muito longa e fina.

Deste modo, a pesquisa limita-se à Família Cebidae. No género *Cacajao* a cauda é demasiado curta; em *Ateles* é longa demais, os membros são excessivamente alongados, e o corpo muito mais esbelto.

A cauda é demasiado longa em *Saimiri*. Os *Aotus*, nocturnos, têm olhos enormes. Quanto aos *Cebus*, a fronte não é proeminente; alguns têm “barbas” desenvolvidas e uma espécie de “crista” de pelos no alto da cabeça.

A julgar pelas figuras e exemplares que observámos, parecem compatíveis os géneros *Lagothrix*, bem representado na vertente amazónica do Peru, que parece ser o mais próximo; ou, com menor probabilidade, *Alouatta*.

O exemplar sem proeminência sobre a testa é semelhante de outros pontos de vista. A identificação é ainda mais problemática; seria uma fêmea ou um jovem da mesma espécie?

Ruminante

O artiodáctilo ruminante é um indivíduo feminino sem cornos nem hastes, incompatível com qualquer bóvido.

A ausência de apêndices é compatível com um cervídeo feminino. Nos cervídeos, as fêmeas são desprovidas de hastes exceptuando renas e caribus, que não fazem parte da fauna sul-americana. Os veados sul-americanos aparecem limitados a áreas tropicais e subtropicais, em florestas ou espaços mais abertos; têm importância reduzida no Peru. Com as patas amarradas com uma corda, mas sem a língua de fora como se estivesse morto, o animal deve ser doméstico, assim dominado para tosquia ou transporte em vivo. São de notar as extremidades: em vez dos cascos aguçados e pontiagudos dos veados, os dedos das mãos e pés têm configuração mais espessa, correspondente à estrutura mais larga e almofadada dos camelídeos. Portanto, nada aponta para um cervídeo.

Poderia constituir dificuldade o pescoço relativamente curto; porém, este argumento pesa pouco, até porque pescoço mais longo fragilizaria a peça. Por isso, e por ser alongado nos cervídeos e camelídeos, não é carácter diferencial, apenas uma distorção da responsabilidade do artista.

Assim, caímos em camélídeos, os ruminantes mais numerosos no Peru; habitam os planaltos andinos a altitudes que podem exceder os 5000 metros. Incluem espécies há muito domesticadas pelos índios:

- a lama (*Lama glama glama* Linné, 1758), relevante no Peru. Os Incas separavam os animais por idade, sexo e funções – carga, machos castrados; reprodução, machos inteiros, controlados devido à grande agressividade, podendo matar-se entre si e matar fêmeas; fêmeas jovens e reprodutoras; todos para produzir lã e carne.

- a alpaca (*Lama paços* Lin., 1758), abundante no Peru e Bolívia em áreas húmidas (senão encharcadas), menor que a lama, mas com melhor lã. A separação das fêmeas é justificada pela grande agressividade dos machos inteiros, que podem matá-las. A reprodução é controlada pelo homem.

Sem possibilidade de saber qual a escala da figura nem dados quanto à coloração, a distinção entre lama e alpaca não é viável. Mesmo assim, a pertença a camélídeos numerosos nos altiplanos do Peru e da Bolívia constitui uma aproximação bem mais avançada do que antes.

“Nutria”

Uma das peças Chimú figura, o que é comum nesta Cultura, um animal que tem sido designado em espanhol por *nutria*. O termo é ambíguo pela utilização, na América, do nome que em Espanha designa a lontra europeia, *Lutra lutra* (Lin., 1758) – só que foi aplicado a dois mamíferos muito diferentes, ainda que ambos adaptados à vida aquática ou zonas encharcadas, e com pele valiosa:

- um roedor (Hystrichomorpha, Fam. Myocastoridae) semi-aquático, o *ratão-do-banhado* (Brasil), *Myocastor coypus* (Molina, 1782), com larga repartição na América do Sul, sobretudo no Brasil meridional, Uruguay, Argentina, Chile, Paraguay e leste da Bolívia. Foi introduzido para produção de peles (e carne, embora de menos valia) na América central, no Sul dos Estados Unidos, na Europa – por ex. França e Alemanha – e parte da Ásia. Indivíduos escapados ao cativeiro passaram a viver em liberdade e a expandir-se em áreas encharcadas que lhes são propícias. Tornaram-se prejudiciais, requerendo controlo.

- um carnívoro (Fam. Mustelidae, Subfam. Lutrinae) que é a ariranha (nome brasileiro) ou lontra-gigante, *Pteronura brasiliensis* Gmelin, 1788, com vasta distribuição no Brasil, Argentina, Paraguay, Uruguay, Guiana, Venezuela, incluindo a vertente amazónica do Peru e do Equador, e na Colômbia. É mais restrita a distribuição da lontra sul-americana, *Lutra longicaudis* (Olfers, 1818), que ocorre no Sul do Brasil, Uruguay e Argentina.

A destriça parece possível pelos caracteres: tórax longo, cauda achatada e curta relativamente ao tronco (como em *Pteronura*) em vez de comprida e semelhante às dos ratos, como em *Myocastor*. Focinho largo e curto aponta para a ariranha. Enfim, há um argumento geográfico, pois o ratão-do-banhado não faz parte da fauna do Peru.

Parece fora de dúvida que se trata de uma representação da ariranha.

Ave

Está representada uma (pequena?) ave indeterminável.

Crocodilídeo

Peça notável figura um crocodilídeo. É leve, oca, com uma perfuração nos extremos anterior e posterior. Barro castanho avermelhado, claro, cozido a baixa temperatura; pasta granulosa algo micácea (moscovite).

Acabamento cuidadoso, com pequena espátula, e decoração por desenhos pintados a tinta escura (castanho anegrado); incisões na boca, figurando dentes, e na

cauda. Narina e órbitas salientes. Rosto bastante alto relativamente à largura. Cauda com forte achatamento horizontal, enquanto na maioria dos crocodilídeos é achatada lateralmente, actuando como órgão propulsor. Os membros estão em posição muito lateral e horizontal, sem tendência para a verticalidade.

A proveniência do Peru restringe a pesquisa a:

Subfamília Crocodylinae

- *Crocodylus acutus*, com distribuição do Sul da Florida à Colômbia e Venezuela; repartição relacionada com o mar, pelo que a presença no interior do Peru parece de eliminar.

Subfamília Alligatorinae

- *Melanosuchus niger*, o caimão negro ou jacaré-açu (no Brasil; açu = grande), o maior de todos, atingindo 6 m de comprimento;

- *Caiman crocodilus*, o caimão vulgar ou jacaretinga no Brasil, do Sul do México ao Norte da Argentina, raramente até ca. de 3 m;

- *Palaeosuchus palpebrosus*, o caimão anão ou de Cuvier, jacaré-coroa no Brasil (até 1.5 m);

- *Palaeosuchus trigonatus*, o caimão de Schneider, mais terrestre e com membros em posição mais erecta do que nos demais crocodilídeos; raramente excede 1.7 m.

Sem retrato rigoroso, cor e escala, são incertos os caracteres permitindo justificar a diagnose, mas é possível limitar as possibilidades. *Melanosuchus niger* e *Caiman crocodilus* podem ser eliminados: aquele pela cor clara da peça, quando seria fácil ampliar a pintura e escurecê-la, e ambos porque têm focinho muito achatado sem aberturas nasais nem órbitas proeminentes. O desenho, que mostra duplas fiadas de escudetes dérmicos, nítidos nos flancos do tronco; e, sobretudo, o grande achatamento horizontal da cauda, parecem indicar *trigonatus*. No entanto, o focinho muito elevado (“focinho de cão”) e aqueles caracteres aproximam a peça de *palpebrosus*, o que pode condizer com a posição dos membros e com a cor clara. Em suma, admitimos que se trate de *Palaeosuchus* e, sob reserva, de *P. palpebrosus*.

Supomos a peça pudesse servir de cantil, que deitaria um fino jacto de líquido ao retirar as pequenas rolhas que obturavam os orifícios extremos. O achatamento da cauda teria a ver com a comodidade em assentar no portador e nada com a espécie, reforçando a hipótese *palpebrosus*. Com os buracos obturados e vazio, flutua muito bem; serviria de brinquedo?

Conclusões

1. O acervo etnográfico do Museu da Academia das Ciências de Lisboa integra objectos da costa Noroeste da Colômbia Britânica e do Havai, recolhidos no séc. XVIII no decurso da derradeira expedição de James Cook (1776-1780); e outros do Peru, recolhidos pelo Conde de S. Januário (séc. XIX).

2. O conjunto em causa (Quadro 14) é importante dentro do panorama internacional; poucos museus se podem orgulhar de possuir colecções como estas.

3. São caracterizados pela primeira vez os conjuntos da região costeira do Pacífico da América do Norte e do Havai, recolhidos durante no século XVIII.

4. O estudo etnológico foi complementado por trabalho acerca dos produtos naturais utilizados ou figurados, identificados com o maior rigor possível. Este procedimento revelou-se da maior utilidade, constituindo verdadeiro “cartão de identidade” quanto à origem. Dentre o material da Colômbia Britânica, foram reconhecidos: uma árvore (“*red cedar*”), mamíferos com particular destaque para a lontra-marinha e o “*racoon*”, e gastrópodes (Quadro 9).

5. Este valioso acervo permaneceu quase no anonimato, em parte durante mais de dois séculos, com perda de informação e interpretações quase sempre erróneas. Escassas e contidas notícias sobre objectos ameríndios em colecções portuguesas evidenciam a pouca importância que lhes era conferida, desconhecimento ou confusão com material de territórios sob influência portuguesa.

6. Apesar de persistirem lacunas, progrediu muito o conhecimento da procedência, recolha e incorporação dos objectos da Colômbia Britânica e do Havai e da sua importância para a História da Ciência.

7. Quanto aos contextos de recolha e às possibilidades de incorporação em instituições portuguesas do material da Colômbia Britânica e do Havai levantamos três hipóteses de valor desigual:

- a de ter sido recolhido durante a terceira e última expedição de Cook: afigure-se, de longe, como a mais provável pela datação e pelas Culturas representadas. A identificação de objectos do Havai aponta para esta hipótese, que estamos convictos de reunir fortes possibilidades de estar na origem deste acervo. Ressalta o papel fundamental de Sir Joseph Banks e suas relações com naturalistas portugueses, sobretudo Correa da Serra. A datação 14C da década de 1770 é perfeitamente compatível com as 2ª e 3ª expedições de James Cook. Acresce que a distribuição dos mamíferos representados exclui latitudes acima da parte meridional da Colômbia Britânica, o que reforça como possível origem culturas ameríndias das imediações da Ilha de Vancouver, pois vários objectos parecem relacionados com as Culturas *Tlingit* e *Nuu-chah-nulth*.

- aquisição através de Macau em relação com o comércio de peles da América do Norte ou segundo orientações do Governo de Lisboa. Nada se vê que fundamente esta hipótese.

- obtenção através da Rússia, apesar de o historial das expedições russas não conferir qualquer verosimilhança a esta hipótese.

8. O elenco reconhecível de objectos das áreas e culturas em estudo que pertenceram (ou pertencem) ao Museu da Academia das Ciências de Lisboa é como segue (Quadro 14). São referidas peças que fizeram parte do acervo mas que entretanto sofreram extravio, desconhecendo-se o paradeiro.

Quadro 14 – Objectos existentes no Museu da ACL em 1892*

*De acordo com Aragão, *Catálogo...*, 1892.

N.º de objectos	Designação	Nº Catálogo Aragão	Identificado	Localizado na actualidade	Origem/Cultura
1	Machado	10	Sim	Não	Colômbia Britânica/Tlingit
2	Raspador de pedra, grande	11	S	N	Havai
3	Raspador de pedra, pequeno	12	S	N	Havai
4	Adaga monolítica	13	S	N	Colômbia Britânica/Nootka
5	Manto	192	S	N	Havai
6	Cabeção	193	S	N	Havai
7	Capacete	194	S	S	Havai

8	Capacete	195	S	N	Havai
9	Chapéu	287	S	N	Colômbia Britânica/Nootka
10	Chapéu	288	S	N	Colômbia Britânica/Nootka
11	Máscara	301	S	N	Colômbia Britânica/ Tlingit?
12	Máscara-elmo	302	S	S	Colômbia Britânica/Tlingit
13	Máscara facial	303	S	S	Colômbia Britânica/Nootka
14	Máscara facial	304	S	S	Colômbia Britânica/Nootka
15	Máscara viseira	306	S	S	Colômbia Britânica/Tlingit
16	Bilha	322a	S	N	Peru/Chimú
17	Bilha	322b	S	N	Peru/Chimú
18	Bilha	324	S	N	Peru/Chimú?
19	Bilha com asa em estribo/ macaco	325	S	S	Peru/Chimú
20	Bilha com asa em estribo/ macaco	326	S	S	Peru/Chimú
21	Bilha zoomórfica/ macaco, <i>Lagothryx</i> sp.	328	S	S	Peru/Chimú
22	Bilha zoomórfica/ lama ou alpaca	329	S	S	Peru/Chimú
23	Garrafa zoomórfica/ ariranha, <i>Pteronura brasiliensis</i>	330	S	S	Peru/Chimú
24	Bilha/ ave	331	S	S	Peru/Chimú
25	Bilha	332	S	N	Peru/Chimú
26	Vaso	334	S	N	Peru
27	Vaso	335	S	N	Peru
28	Garrafa/ cabaças	347	S	S	Peru/ Lambayeque
29	Assobio/ Crocodiliforme	348	S	S	Peru/ Lambayeque

30	Bilha/ vagens	349	S	S	Peru/Chimú
31	Anzol	421	S	S	Havai
32	Anzol	422	S	S	Havai
33	Anzol	423	S	S	Havai
34	Anzol	424	S	S	Havai
35	Anzol	425	S	S	Havai
36	Anzol <i>Makau</i>	426	S	S	Havai

9. As colheitas pioneiras do Conde de S. Januário no Peru ilustram a sua preocupação em dotar instituições portuguesas de espólio interessante, a nível mundial, nos domínios da Pré-história, Arqueologia e Antropologia.

10. Estão representadas cerâmicas de barro preto e castanho-avermelhado, na maioria da Cultura Chimú e algumas, mais antigas, da Cultura Lambayeque. São espécimes excelentes, em especial aquele, raríssimo, que figura um crocodíldeo.

11. Além dos animais representados no material peruano é possível reconhecer vegetais (cabaças, vagens). Um macaco platirríneo parece corresponder ao “barrigudo”, *Lagothrix*; um caméldeo domesticado, certamente lama ou alpaca; ariranha ou lontra-gigante; ave indeterminada; e um pequeno caimão, provavelmente *Palaeosuchus palpebrosus*, o jacaré-coroa. Todos são compatíveis com origem peruana. O caméldeo aponta para altitudes elevadas; os demais são típicos de áreas baixas, floresta húmida ou floresta-galeria relacionadas com a Bacia do Amazonas.

Bibliografia

Antunes, M. Telles & Taquet, Ph. (2002) – Le Roi Dom Pedro V et le paléontologue Alcide d’Orbigny: un épisode des relations scientifiques entre le Portugal et la France. *C.R. Palevol 1* (2002), p. 639-647.

Antunes, M. Telles (2003) – Alexandre Rodrigues Ferreira, D. Vandelli & E. Geoffroy Saint-Hilaire/ Aspectos da História, Novos dados e Interpretação. *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira II*, pp. 11-21. Kapa Editorial/ Academia Brasileira de Ciências, FINEP- Financiadora de Estudos e Projetos/ Ministério da Ciência e Tecnologia.

Antunes, M. Telles (Outubro de 2007) – ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA e sua obra no contexto português e universal. Fundação Champalimaud/ Alêtheia Editores/ FMR, Impressão Artegráfica, Verona (Itália). 119 páginas.

Antunes, M. Telles & Balbino, A. C. (2003) – “Herbário” de Peixes do Brasil do século XVIII/ Testemunho Histórico de Acontecimentos Controversos em 1808. *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira II*, pp. 75-119. Kapa Editorial/ Academia Brasileira de Ciências, FINEP- Financiadora de Estudos e Projetos/ Ministério da Ciência e Tecnologia.

Aragão, A. C. Teixeira de (1892) – Catalogo dos Objectos de Arte e Industria dos Indigenas da America que pelas festas commemorativas do 4º Centenario da sua Descoberta a Academia Real das Sciencias de Lisboa envia á Exposição de Madrid. Lisboa. Typographia da Academia Real das Sciencias. 44 p., 2 estampas.

Arbeit, Wendy S. (2011) – Links to the Past/ The Work of Early Hawaiian Artisans. University of Hawai’i Press. Honolulu. 330 pp.

Brossard, Contre-Amiral de (1965) – LAPÉROUSE/ Son voyage de 1785 à 1788/ sa disparition et la découverte de sa frégate en 1964. *GEOGRAPHICA*, Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa, ano I – nº3: 26-42.

- Cabelo, Paz, et al. (2000) – *Spirits of the Water: Native Art Collected on Expeditions to Alaska and British Colômbia (1774-1910)*, Seattle, University of Washington Press, 207 p.
- Cantinho, Manuela (2005) – “Um Tríptico Filosófico”, *O Museu Etnográfico da Sociedade de Geografia de Lisboa: Modernidade, Colonização e Alteridade*, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, pp. 21-69.
- Carvalho, R. (1987) – *A História Natural em Portugal no século XVIII*. Biblioteca Breve/ Série Pensamento e Ciência, Volume 112, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 123 p.
- Carvalho, R. (2000) – *O material etnográfico do Museu Maynense da Academia das Ciências de Lisboa*. Academia das Ciências de Lisboa. 75 p. Lisboa.
- Cook, James & King, J. (1785) – *Troisième Voyage de Cook ou Voyage a l’océan Pacifique...exécuté sous la direction des capitaines Cook, Clerke & Gora... en 1776, 1777, 1778, 1779 & 1780...Ouvrage enrichi de cartes et de plans, d’après les relèvements pris par le Lieutenant Henry Roberts*. Vol. III. Paris, Hôtel de Thou. T. III, 448 p.
- Collado, Leoncio Carretero (2000) – *Mámalni : Politics, Trade and Collectionism on the Northwest Coast during the Eighteenth and Nineteenth Centuries*. In *Spirits of the Water: Native Art Collected on Expeditions to Alaska and British Colômbia (1774-1910)*, Seattle, University of Washington Press, pp. 11-17.
- Giraudy, Danièle [Direcção] (2002) – *Le Musée d’Arts Africains, Océaniens, Amérindiens de Marseille*, Fondation BNP PARIBAS, Direction des Musées de Marseille/ Réunion des Musées nationaux, 128 p.
- Henare, Amiria J. M. (2005) – *Objects of exploration*. In *Museums, Anthropology and Imperial Exchange*, Cambridge, Cambridge University Press, pp.18-48.
- Hooper, Steven (2006) – *Pacific Encounters: Art & Divinity in Polynesia (1760-1860)*, The British Museum Press, 288 p.
- Kaeppler, Adrienne L., (1978) – *Artificial Curiosities : An Exposition of Native Manufactures*, Honolulu, Bishop Museum Press, 293 p.
- Malaspina, Alejandro (1789-1794) – *The Malaspina Expedition 1789-1794: The Journal of the Voyage by Alejandro Malaspina, Vol. II (Panama to the Philippines)*. Edited by Andrew David et al., London, The Haklüt Society, 2003, 511 p.
- Memória da Amazônia: Alexandre Rodrigues Ferreira e a viagem philosophica pelas capitánias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá*, (1991), [org.] Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra (textos M. L. Rodrigues de Areia, Maria Arminda Miranda e Tekla Hartmann), Coimbra, Museu-Laboratório Antropológico da Universidade.
- Sánchez-Garrido, Araceli (2005) – *De Antropología y Arte/ Notas en torno a la Costa Noroeste de América. Orígenes. Artes Primeras/ Colecciones de la Península Ibérica/ América/ Ocenía/ Ásia/ África*, Centro Cultural Conde Duque, Madrid, pp. 59-81.
- Simon, W. J. (1983) – *Scientific expeditions in the Portuguese overseas territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the scientific community of the late eighteenth century*, Centro de Estudos de Cartografia Antiga, Instituto de Investigação Científica Tropical, 193 p.
- Smith, Barbara Sweetland (2000) – *Science under sail/ Russia’s Great Voyages to America/ 1728-1867*, Anchorage Museum of History and Art in association with the Anchorage Museum Association, 40 p.
- Steller, Georg Wilhelm [1709-1746] – *Journal of a voyage with Bering, 1741-1742*. Edited, with an Introduction, by O. W. Frost. Translated by Margritt A. Engel and O. W. Frost. 1988, 252 pp. (Novas impressões até 2002).

REAL ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA (1781) – *Breves instrucções aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa sobre as remessas dos productos, e noticias pertencentes à Historia da Natureza, para formar hum museo nacional*. Lisboa, Regia Officina Typografica.

Kapa Editorial (2005) - *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira: Colecção Etnográfica*.

Créditos das imagens:

Figuras 2 a 22: fotos Carlos Ladeira © Academia das Ciências de Lisboa.

Agradecimentos

Damos testemunho do nosso profundo reconhecimento a todos quantos contribuíram para a realização deste trabalho, em especial:

- no Muséum national d’Histoire naturelle de Paris, Laboratoire de Paléontologie, a Philippe Taquet;

- id., Laboratoire d’Anatomie Comparée, a Francis Renoult;

- id., Laboratoire de Zoologie, Mammifères et Oiseaux, a Géraldine Vayron ;

- Ulla Holmquist, do Museo Larco, Lima, Peru ;

- Alain Nicolas, do Musée d’Arts Africains, Océaniens, Amérindiens de Marseille ;

- na Academia das Ciências de Lisboa, a Susana Carapinha; na Biblioteca, a Teresa Cardoso e Leonor Pinto; e ainda a Luísa Macedo, que colaborou numa pequena exposição;

- no Centro de Investigação em Ciência e em Engenharia Geológica, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, ao Prof. João Pais;

- ao Instituto de Investigação Científica Tropical;

- no Instituto Tecnológico e Nuclear (Sacavém), a António Monge Soares;

- a Cristiana Pereira, da Faculdade de Medicina Dentária da Universidade de Lisboa.